UNE ✦ SACRA

Profecias e Videntes

Profecias de Robert Nixon e da Mãe Shipton

✦ ✦ ✦

Anônimo (compilação); profecias atribuídas a Robert Nixon e à Mãe Shipton (autoria lendária)

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Anônimo (compilação); profecias atribuídas a Robert Nixon e à Mãe Shipton (autoria lendária)
Data	Folheto inglês do séc. XIX (depois de 1862)
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do texto inglês
Fonte	Project Gutenberg
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Folheto popular inglês, sem autor nem data ("publicado para os livreiros", Londres), que reúne as profecias de dois videntes do folclore inglês.

A autoria dessas profecias é lendária: não há nenhum documento da época que mostre que Robert Nixon ou a Mãe Shipton disseram o que aqui se lê, e os textos foram escritos, aumentados e "atualizados" por editores muito tempo depois.

Robert Nixon, o "profeta de Cheshire", teria sido um lavrador simplório da floresta de Delamere, no século XV (este livro diz que nasceu em 1467), cujas falas confusas se cumpriam; suas profecias só aparecem impressas no começo do século XVIII, e uma das versões aqui reproduzidas é a de John Oldmixon (1714).

A Mãe Shipton teria sido uma bruxa e adivinha de Knaresborough, em Yorkshire, no tempo de Henrique VIII; o primeiro folheto com as suas profecias é de 1641, e a "biografia" de Richard Head (1684), cheia de invenções, deu origem à lenda.

Os versos mais famosos atribuídos a ela — "carruagens sem cavalos andarão", "em volta do mundo os pensamentos voarão", a casa de vidro, o ferro que boia — estão neste livro,

mas foram escritos por Charles Hindley numa edição de 1862, como ele mesmo admitiu em 1873.

O livro traz ainda a visão de dois exércitos na floresta de Delamere; uma profecia da Revolução Francesa tirada do pastor protestante Pierre Jurieu (1687); trechos de sermões do pastor batista John Gill sobre o cumprimento das profecias; um caso contado por John Wesley; a história de Martha, a cigana, e das suas previsões em Londres; e três casos de pressentimentos.

O texto é o da transcrição do Project Gutenberg; as notas do editor não foram incluídas.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/40962

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

A vida de Robert Nixon, comumente chamado de Profeta de Cheshire

As previsões originais de Robert Nixon, proferidas por ele mesmo

Previsões de Robert Nixon copiadas de antigos folhetos

A profecia de Nixon de Cheshire na íntegra, segundo a cópia de Lady Cowper

Uma visão vista na Floresta de Delamere

Profecia da Revolução Francesa, por Peter Jurieu (1687)

Trechos de sermões do Dr. John Gill

Uma previsão extraordinária relatada pelo Sr. John Wesley

A vida e as profecias de Mãe Shipton

Profecias de Marta, a Cigana

Cumprimento notável de uma previsão

Pressentimento providencial

Pressentimento maravilhoso

A VIDA DE ROBERT NIXON, COMUMENTE CHAMADO DE PROFETA DE CHESHIRE

✦

1 A profecia de Nixon tantas vezes deu nome a obras de autores de diferentes princípios que agora quase se tornou duvidoso se tal pessoa chegou a existir. Ao passar recentemente por Cheshire, a curiosidade me levou a perguntar que crédito essas lendas tinham entre os moradores.

1.2 Fiquei bastante surpreso ao ver com que confiança relatavam acontecimentos que se deram ainda na memória de muitos habitantes e como se apegavam firmemente à ideia de que ele não falharia no restante. Entre eles estava um homônimo e descendente da mesma família desse famoso idiota, que vive atualmente não muito longe de Vale-Royal.

1.3 Foi principalmente dele que obtive o que segue; ele disse que muitas vezes ouvira o pai e outras pessoas idosas da região contar esses fatos. Também consegui uma cópia manuscrita que parecia antiga. O sr. Gerrard, o sr. Grimes e muitos outros moradores da floresta de Delamere tiveram a gentileza de me contar o que sabiam e confirmar os acontecimentos passados.

2 John, ou Jonathan Nixon, pai de nosso profeta, era lavrador e arrendava uma fazenda da abadia de Vale-Royal, conhecida até hoje pelo nome de Bark, ou Bridge-house, na paróquia de Over, perto de New-Church e não longe de Vale-Royal, na floresta de Delamere.

2.2 A casa ainda é conservada e venerada pelos moradores de Cheshire, pelo único motivo que pude descobrir: ali nasceu essa pessoa extraordinária, no Pentecostes. Foi batizado com o nome de Robert no ano de 1467,

por volta do 7º ano do reinado de Eduardo IV.

2.3 Desde a infância, destacou-se pela estupidez e por uma ignorância invencível, de modo que seus pais tiveram grande dificuldade para ensiná-lo a conduzir a junta de bois, cuidar do gado e fazer esse tipo de trabalho no campo.

3 Quando morreram, seus pais deixaram a fazenda e nosso Robert, ainda muito jovem, aos cuidados de um irmão mais velho. Foi com ele que Robert deu pela primeira vez uma demonstração daquela capacidade de prever o futuro que tornou seu nome tão famoso.

4 Um dia, enquanto conduzia a junta de bois e o empregado de seu irmão guiava o arado, ele espicaçou um boi com tanta crueldade com seu aguilhão que o arador ameaçou contar ao patrão. Então Nixon disse que, dali a três dias, o boi já não seria de seu irmão. E assim aconteceu: como o senhor da propriedade estava prestes a morrer, tomou o mesmo boi como heriot.

5 Durante o tempo em que morou ali, destacou-se sobretudo pela simplicidade. Falava pouco e, quando falava, sua voz era tão áspera que era doloroso ouvi-lo. Era muito mordaz, e o que dizia em geral tinha algum sentido profético. Foi por essa época que um monge de Vale-Royal o desagradou, e ele disse em tom irado:

6 Quando você, flecha, vier lá do alto,
Logo haverá um ninho de corvo;

7 É sabido que isso se cumpriu na pessoa do último abade daquele lugar, chamado Harrow. Chamado à presença de sir Thomas Holcroft, ele foi morto por negar a supremacia do rei Henrique VIII. Depois de suprimir a

abadia, o rei deu a propriedade a esse cavaleiro e a seus herdeiros, que tinham um corvo como brasão.

8 Em outra ocasião, disse que as abadias de Norton e Vale-Royal se encontrariam na ponte de Acton, algo que na época parecia improvável. No entanto, depois que as duas abadias foram demolidas, suas pedras foram usadas para consertar a ponte. E, ainda mais improvável, um pequeno espinheiro que crescia no pátio da abadia se tornaria sua porta.

8.2 É fácil imaginar que ninguém pensasse que isso fosse acontecer, principalmente porque, naquela época, todos entendiam que espinheiros nunca cresciam tanto. Mas isso mostra como o sentido de uma profecia é incerto: aquilo que entendemos de uma maneira talvez queira dizer algo bem diferente. Foi o que ocorreu neste caso.

8.3 Na Reforma, as depredações selvagens, sob o pretexto da religião, buscavam apenas pilhar e saquear para enriquecer seus autores. Em nome de banir a superstição e derrubar a idolatria, não pouparam nem os vestígios mais venerados da Antiguidade, nem os edifícios mais sagrados, as construções mais nobres ou os registros mais valiosos, livros escritos por nossos antepassados mais veneráveis e heroicos.

8.4 As pinturas mais delicadas e as figuras de melhor execução se perderam, irremediavelmente, num único acesso de zelo destrutivo, que qualquer grito de alarme tende a despertar no peito de um fanático cabeça-quente. Enquanto isso, homens verdadeiramente religiosos, honestos e instruídos ainda lamentam a perda causada por aqueles tempos destrutivos.

8.5 Quando chegaram a Vale-Royal, esse espinheiro, entre outros, foi cortado e lançado na entrada para impedir que as ovelhas que pastavam no pátio entrassem.

9 Mas ele anuncia a Reforma em termos ainda mais claros, pois diz:

10 Virá um tempo em que padres e monges
Não terão igrejas nem casas,
E os lugares onde havia imagens,
Com letras alinhadas, serão bons,
Livros em inglês se espalharão pelas igrejas,
Onde não haverá pão sagrado.

11 Não pretendo contar tudo o que dizem que ele previu, seja sobre famílias particulares, seja sobre acontecimentos passados. Ainda assim, talvez valha mencionar o que está fresco na memória de todos os que vivem perto da floresta de Delamere e me foi confirmado por vários dos moradores mais idosos.

12 Por Weaver-hall passará um caminho solitário
Ridley-pool será semeado e ceifado,
E Darnel-Park será cortado e desmatado.

13 As duas alas de Weaver-hall ainda estão de pé, e entre elas passa uma estrada para carroças. Ridley-pool foi aterrado e transformado em bom prado. Em Darnel-Park, as árvores foram cortadas, e o terreno virou pasto.

14 Também me asseguraram que ele previu o uso de rodas largas, etc., e que a cidade de Northwich, hoje um importante centro do comércio de sal, será destruída pela água. Os moradores de Cheshire esperam que isso aconteça tanto quanto esperam o cumprimento de qualquer outra parte de sua profecia. Alguns afirmam que a água anunciada são os canais navegáveis construídos recentemente. Mas só o tempo dirá se essa ideia não surgiu de um preconceito contra essas melhorias úteis.

15 Mas o que mais chamou a atenção para Nixon foi que, quando ocorreu a batalha de Bosworth, entre o rei Ricardo III e o rei Henrique VII, ele parou subitamente sua junta de bois e, apontando o chicote de um para o outro, gritou várias vezes: "Agora, Ricardo! Agora, Harry!". Por fim, disse: "Agora, Harry, atravesse aquela vala e vencerá a batalha."

15.2 O arador, espantado, contou o que acontecera ao chegar em casa, e mensageiros especiais enviados para anunciar no campo de batalha a proclamação de Henrique como rei da Inglaterra confirmaram que a previsão era verdadeira.

16 Ao voltar, o mensageiro que percorrera aquela região contou a previsão de Nixon sobre a vitória do rei. Embora sua chegada tivesse confirmado a notícia, para os moradores daquela região não era novidade.

16.2 Henrique, talvez o príncipe mais sábio de seu tempo, não querendo ser enganado, mas sem duvidar das providências da Providência, mesmo quando anunciadas pela boca de um tolo, mandou o mesmo mensageiro voltar para encontrar Nixon e trazê-lo à sua presença. Naquele momento, nosso profeta estava na cidade de Over.

16.3 Correu por toda parte como um louco, dizendo que o rei o havia chamado e que teria de ir à corte, onde seria "clammed", isto é, morreria de fome. Isso provocou muitas risadas na cidade: achavam engraçado que Sua Majestade, tão famosa por sua sabedoria, chamasse à corte um camponês sujo e babão e que, depois de ser chamado, ele temesse morrer de fome lá.

16.4 Mas como ficaram surpresos poucos dias depois, quando o mensageiro passou pela cidade e pediu um guia para encontrar Nixon! Este, que então girava o espeto na casa do irmão, em Bark-house, gritou: "Ele está

vindo, já está a caminho para me buscar!". Mal se pode imaginar o espanto da família quando, ao chegar, o mensageiro pediu Nixon em nome do rei.

16.5 As pessoas que antes zombavam de sua aparência simplória e de suas falas estranhas, e até apontavam para ele às crianças para que o ridicularizassem, ficaram perplexas ao ver que a mais absurda de todas as coisas que ele previra, em sua opinião, se tornava realidade diante de seus próprios olhos.

16.6 Enquanto era levado às pressas pelo campo, Nixon continuava a lamentar em voz alta que morreria de fome na corte.

17 Assim que chegou, o cauteloso rei, querendo pôr à prova sua capacidade de prever o futuro, inventou o seguinte plano. Tinha um valioso anel de diamante que costumava usar. Depois de fingir que fazia uma busca rigorosa pelo palácio para saber se alguém o havia visto, chamou Nixon e contou-lhe que perdera o anel e que, se ele não pudesse ajudá-lo a encontrá-lo, não lhe restava esperança. Mas como o rei ficou surpreso quando ouviu em resposta aquele velho provérbio:

18 Quem escondeu pode encontrar;

19 Então, sorrindo, o rei declarou que fizera aquilo apenas para pôr o profeta à prova. Depois disso, mandou que tudo o que ele dissesse fosse cuidadosamente anotado.

20 Para evitar que Nixon morresse de fome, Sua Majestade ordenou que ele pudesse andar livremente por todo o palácio e que a cozinha fosse seu lugar de permanência mais habitual. Ademais, designou um oficial para garantir que os criados não o maltratassem nem o ofendessem e que ele não ficasse sem nada de que precisasse para viver.

20.2 Nessas condições, qualquer um pensaria que a necessidade jamais o alcançaria. No entanto, um dia, quando o rei saía para sua casa de caça, Nixon correu até ele, chorando, e pediu nos termos mais comoventes que não o deixasse, pois, se o fizesse, nunca mais o veria vivo: morreria de fome; a hora era aquela e, se fosse deixado, morreria.

21 O rei, com os pensamentos sem dúvida voltados para a diversão a que se dirigia e supondo que aquilo fosse muito improvável, limitou-se a dizer que era impossível e recomendou-o encarecidamente aos cuidados do oficial.

21.2 Mas mal o rei havia passado pelo portão do palácio, os criados começaram a zombar e atormentar Nixon tanto que o oficial, para impedir esses insultos, trancou-o num aposento e não deixou que ninguém, além dele próprio, cuidasse do prisioneiro, pensando assim evitar que aquela parte da profecia se cumprisse.

21.3 Contudo, quando chegou ao oficial uma mensagem de grande importância do rei, ele, apressado para cumprir a ordem real, esqueceu-se de soltar o pobre Nixon. Embora tenha ficado ausente apenas três dias, ao se lembrar do prisioneiro e voltar, encontrou-o morto de fome, como ele havia previsto.

22 Confirmada pelo que já aconteceu, a profecia é repetida por todos em Cheshire. Mesmo assim, não há ofensa maior do que pedir uma cópia às famílias que dizem possuí-la. É sabido que se usou todo meio possível para abafar a verdade, confundir os curiosos e até apagar da memória que tal pessoa um dia existiu.

22.2 Não se sabe por quê, a não ser porque foi previsto que o herdeiro de O— terá uma morte vergonhosa diante do próprio portão, além de outros acontecimentos relativos à família. Como ninguém foi claramente identificado, nem se determinou o momento, talvez isso explique o segredo.

23 Devo também observar que a cruz na floresta de Delamere — isto é, os três degraus e o encaixe onde antes ficava a cruz — agora está enterrada, a poucos centímetros do chão, embora todos se lembrem de tê-la visto, ainda no tempo de vida de muitos, quase seis pés acima do solo. A própria cruz foi destruída há muito tempo.

23.2 Também é notável que a cruz de Headlets seja mencionada por Merlin de Rymer e pela maioria dos outros profetas ingleses e escoceses como o último lugar da Inglaterra onde se supõe que ocorrerá uma batalha decisiva. Mas não consigo descobrir quando, precisamente, essas coisas acontecerão, pois tudo é mencionado com grande incerteza.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

AS PREVISÕES ORIGINAIS DE ROBERT NIXON, PROFERIDAS POR ELE MESMO

✦

1 Quando um corvo fizer ninho na boca de um leão de pedra,
No alto de uma igreja junto à floresta cinzenta,
Então um rei da Inglaterra será expulso do trono,
E não voltará jamais.

2 Quando uma águia pousar no alto da casa de Vale-Royal,
Então nascerá um herdeiro, que viverá para ver grandes aflições na Inglaterra.

3 Haverá um moleiro chamado Peter,
Com dois calcanhares em um pé,
Que se distinguirá com bravura,
E será feito cavaleiro pelo vencedor:
Pois nações estrangeiras invadirão a Inglaterra;
Mas o invasor será morto,
E posto atravessado sobre o dorso de um cavalo,
E levado em triunfo.

4 Nascerá um menino com três polegares em uma das mãos,
Que segurará três cavalos do rei,
Enquanto a Inglaterra será conquistada e perdida três vezes em um dia.

5 Mas depois disso virão dias felizes,
Um novo povo, de bons costumes, viverá em paz.
Mas o muro de Vale-Royal, perto do lago, será o sinal de que isso é verdade,
Pois cairá:
Se cair para baixo,
Então a igreja afundará para sempre:
Mas, se cair para cima, contra uma colina,
Então a igreja e os homens honestos continuarão a viver.

6 Sob esse muro serão encontrados os ossos de um rei britânico.
O moinho de Peckforton será transferido para a colina de Ludington,
E três dias de sangue farão correr sangue no moinho de Noginshire.
Mas cuidado com o que pode acontecer ao senhor de Oulton,
Para que não seja enforcado à própria porta.

7 Um corvo pousará no alto da cruz sem cabeça,
Na floresta tão cinzenta,
E beberá livremente o sangue nobre e gentil;
Dois mil cavalos ficarão sem donos,
Até que suas cilhas apodreçam sob suas barrigas.

8 Com nosso próprio dinheiro e nossos próprios homens,
Começará uma guerra terrível;
Entre a foice e o sugador,
Toda a Inglaterra será golpeada;
E várias vezes quebrará seus juramentos,
E ficará sem saber o que fazer,
A ponto de não se saber se é para colher o cereal,
Enterrar os mortos ou ir ao campo lutar.

9 Haverá grande falta de trigo para fazer pão.
Nações estrangeiras invadirão a Inglaterra com neve nos capacetes,
E trarão peste, fome e assassinato nas bainhas das roupas.
Será aprovado um grande imposto, mas nunca será cobrado.

10 Entre uma meda e duas árvores,
Será travada uma batalha famosa.

11 As ruas de Londres correrão sangue,
E por fim a cidade afundará,
Para que se cumpra o que foi dito:
Lincoln foi, Londres é, e York será
A mais bela das três cidades.

12 Haverá três portões para Londres, de homens presos por causa de vacas.
Então, se você tiver três vacas, no primeiro portão caia uma e fique em casa,
No segundo portão caiam as outras duas e fique em casa.
No último portão tudo estará feito.

13 Quando o verão vier no inverno,
E houver paz na casa de cada um,
Então haverá perigo de guerra;
Pois, embora à noite a nação ressoe com a paz,
Pela manhã os homens se levantarão para a guerra.

14 Haverá um Conselho de inverno, um Natal cauteloso e uma Quaresma sangrenta.
Naqueles dias haverá ódio e derramamento de sangue,
O pai contra o filho, e o filho contra o pai,

A ponto de alguém conseguir uma casa só por erguer o trinco da porta.
Os proprietários ficarão de pé, com os chapéus nas mãos,
Pedindo aos inquilinos que permaneçam em suas terras.

15 Grandes guerras e recrutamento forçado de soldados,
Mas, no fim, porretes e sapatos remendados vencerão.
Naqueles dias será bom vender os bens e ficar em casa, sem se expor.
Então quarenta libras na mão
Valerão mais que quarenta libras por ano em terras.
O galo do Norte será posto em fuga,
E suas penas serão arrancadas por seu orgulho;
A ponto de quase amaldiçoar o dia em que nasceu.

16 Alguém perguntou a Nixon onde poderia estar a salvo naqueles dias. Ele respondeu:
Na fazenda de Deus, entre os rios Mersey e Dee.

17 A Escócia resistirá como puder,
Até deixar a Inglaterra numa situação lastimável.
Os escoceses governarão a Inglaterra por um ano inteiro.
Três anos de grandes guerras,
E grandes revoltas em todos os países.
A primeira será terrível, a segunda pior, mas a terceira insuportável.

18 Três grandes batalhas;
Uma na ponte de Northumberland,
Uma na ponte de Cumberland,

E a outra ao sul do Trent.
Corvos beberão o sangue de muitos nobres.
O Leste se levantará contra o Oeste, e o Norte contra o Sul.

19 Então podem ter certeza:
O moinho de Noginshire correrá sangue,
E muitos fugirão pela viela de Wanslow.

20 Um homem virá à Inglaterra,
Mas o filho de um rei coroado de espinhos
Tomará dele a vitória.

21 Muitos nobres lutarão,
Mas um duque bastardo vencerá,
E assim, sem demora,
Pôr a Inglaterra no caminho certo.
Um lobo do Leste virá com grande determinação,
Ao sul de Sandford, numa manhã cinzenta de segunda-feira,
Onde bosques crescerão num campo verde,
Junto ao verde e ao cinza, eles fugirão
Para as rochas, e muitos morrerão.
Fugirão para a praia de Salt,
E vinte mil morrerão, cada um sem espada.
O dragão escuro sobre Sudsbrown
Trará consigo um grupo real;

22 Mas suas vidas acabarão em desgraça,
Sua cabeça estará na cidade de Stafford,
E sua cauda na Irlanda.

Ele trará seus homens com ousadia, pensando em conquistar fama:
Junto a um muro, numa bela floresta, será derrubado.
Na charneca de Hine começará essa luta sangrenta,
E, montados em cavalos treinados, golpeará cada um o elmo brilhante do outro:
Mas ninguém pode dizer quem vencerá naquele dia.

23 Um duque vindo da Dinamarca o enfrentará,
Num dia na Inglaterra, e fará muitos senhores caírem por terra,
E as damas gritarão: “Que desgraça!”,
E a frota negra, com toda a força,
Atacará seus inimigos com grande ousadia.

24 Na terra da Bretanha haverá um cavaleiro,
Que travará contra eles uma luta cruel.
Um javali feroz, com toda a força,
Trará uma derrota real naquele dia.
Muitos cavaleiros valorosos morrerão,
E serão levados para os campos verdes e cinzentos,
Perderão tanto o campo quanto a batalha.

25 A águia cansada se retirará para uma ilha no mar,
Onde folhas e ervas crescem frescas e verdes.
Ali encontrará uma bela dama,
Que dirá: “Vá ajudar seu amigo, abatido na batalha.”
Então, seguindo o conselho daquela bela dama,
Ele fará o inimigo fugir com ardor:
Vinte e seis estandartes inimigos,

Um leão rampante em prata, com bela armadura,
Ajudará a águia naquele momento,
Quando muitos cavaleiros morrerão.

26 O urso, preso há muito tempo a uma estaca, sacudirá as correntes,
Que todos ouvirão, e isso causará grande discussão.
O touro e a rosa vermelha se enfrentarão,
E isso trará grande aflição à Inglaterra,
E fará muitos perderem a vida.

27 Numa floresta há três carvalhos,
Junto a uma cruz sem cabeça.
Um poço de sangue correrá sem parar,
Sua tampa será de bronze,
E nunca aparecerá,
Até que os cascos dos cavalos a deixem descoberta;
Quem a vencer revelará,
A águia lutará tanto naquele dia,
Que nenhum amigo se afastará dela.
Um cão de caça correrá sem demora, perseguindo a presa por toda parte.

28 O dragão escuro morrerá na luta.
O urso erguerá a cabeça altiva,
O lobo imenso se iluminará,
O cavalo com rédeas lutará ferozmente contra seus inimigos.

29 Uma frota virá do Norte,
Cavalgando um cavalo de árvores,
Ele carrega uma corça branca,

E guirlandas à vontade.
Naquele dia a águia o matará,
E logo erguerá seu estandarte numa colina.
Aquele leão que foi abandonado e forçado a fugir
Ouvirá uma mulher gritar estridentemente:
“Seus amigos foram mortos naquela colina!”
Muitos cavaleiros morrerão naquele dia.
Então o leão levará seu estandarte a uma colina,
Numa floresta tão aberta,
Junto a uma cruz de pedra sem cabeça.
Ali a águia morrerá naquele dia,
E o leão vermelho conquistará fama.
Três reis coroados travarão uma grande batalha;
Um morrerá, e um duque bastardo vencerá.
Em Sandyford há uma pedra,
Sobre a qual um rei coroado perderá a cabeça.

30 Naqueles dias terríveis, as cabeças de cinco padres perversos serão vendidas por um centavo.
A matança será tão grande,
E tantos bebês ficarão sem os pais mortos,
Que as moças, entre o medo e a alegria,
Gritarão: “Mãe, mãe, vi um homem!”

31 Entre sete, oito e nove,
Maravilhas serão vistas na Inglaterra.
Entre nove e treze,
Toda tristeza terá passado.

Então se levantará Richard, filho de Richard,
E abençoará o reinado feliz.
Três vezes feliz quem viver para ver esse tempo,
Quando a Inglaterra voltar a conhecer descanso e paz.

32 Fim das profecias originais.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PREVISÕES DE ROBERT NIXON COPIADAS DE ANTIGOS FOLHETOS

✦

1 O famoso profeta de Cheshire, Nixon, além de suas profecias sobre o destino de famílias particulares, também previu muitas coisas sobre os assuntos públicos, que, como vemos, se confirmaram literalmente com o passar do tempo.

2 Na véspera de Natal, antes de ir à corte, estando entre os criados na casa do sr. Cholmondeley, para surpresa de todos, levantou-se de repente e disse:

3 "Preciso profetizar." E continuou: "O favorito de um rei será morto. Se o pescoço do senhor for cortado em dois. E os homens do Norte venderão sangue precioso; sim, o próprio sangue. E sacrificarão um nobre guerreiro ao ídolo e pendurarão sua carne nos lugares altos; e uma tempestade virá do Norte, que derrubará os campanários do Sul: e o trabalhador se erguerá acima de seu senhor, e parte da colheita será pisoteada por cavalos, enquanto o restante ficará abandonado para ser devorado pelas aves.

4 "Quando um carvalho for mais macio que o coração dos homens, esperem tempos melhores, mas eles estarão apenas começando.

5 "A partida da alma de um grande homem perturbará um rio próximo e derrubará árvores, casas e propriedades. Da parte da casa de onde veio o mal, vocês devem esperar a cura. Primeiro vem a alegria, depois a tristeza; depois da diversão vem o luto.

6 "Vejo homens, mulheres e crianças manchados como animais, e seus amigos mais próximos e queridos apavorados com eles. Vejo cidades em chamas e sangue inocente derramado; mas, quando homens e cavalos caminharem sobre a água, haverá paz e fartura para o povo, contudo problemas estarão sendo preparados para os reis; e o grande fruto amarelo virá para este país e prosperará: e vejo essa árvore criar raízes profundas e se espalhar em mil ramos, que depois entrarão em conflito uns com os outros, por serem tantos; e virá um vento do Sul e do Oeste, que sacudirá a árvore.

6.2 Vejo multidões de pessoas indo de um lado para outro e falando numa língua estranha. E haverá fome em meio à grande fartura, e terremotos e tempestades nivelarão e purificarão a terra."

7 Depois dessas palavras, que qualquer pessoa com o menor conhecimento da nossa história logo associará aos acontecimentos que elas previram de maneira tão extraordinária, Nixon se calou e voltou à sua habitual estupidez: da qual só saiu muitas semanas depois, quando voltou a ser inspirado e deu vazão àquelas notáveis previsões lembradas pelo sr. Oldmixon.

7.2 As que acabamos de relatar foram anotadas da boca do profeta pelo administrador, por ordem do próprio sr. Cholmondeley; e o manuscrito original está agora nas mãos de um cavalheiro de Shropshire.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A PROFECIA DE NIXON DE CHESHIRE NA ÍNTEGRA, SEGUNDO A CÓPIA DE LADY COWPER

✦

1 Esta profecia notável foi cuidadosamente revisada, corrigida e aprimorada; também se apresenta algum relato sobre nosso autor, Robert Nixon, que era uma espécie de idiota e costumava trabalhar seguindo o arado. Ele viveu em algumas famílias de fazendeiros, onde fazia todo o serviço pesado e era motivo de zombaria.

2 Por fim, Thomas Cholmondeley, de Vale-Royal, Esq., acolheu-o em sua casa, onde ele vivia quando compôs esta profecia, que proferiu com tanta gravidade e solenidade como se fosse um oráculo; e observou-se que, embora o tolo fosse um tagarela incoerente e não conseguisse falar com bom senso quando não estava inspirado, ao proferir suas profecias falava com clareza e sensatez. O quanto elas eram verdadeiras se verá nas páginas seguintes.

3 Quanto à credibilidade desta profecia, ouso dizer que ela é tão bem atestada quanto qualquer uma de Nostradamus ou Merlin, e se cumprirá tão bem quanto as melhores de Squire Bickerstaff; é claro que grandes homens de todas as épocas recorreram à profecia tanto quanto o povo comum. Não gostaria que todas as pessoas sérias desprezassem a inspiração de Nixon.

3.2 O falecido rei da França recebeu um ferrador inspirado e o recompensou com cem pistolas por suas informações proféticas; embora, pelo que posso saber, ele não chegasse aos dons de nosso Nixon.

4 A simplicidade, as circunstâncias e a história da profecia de Cheshire são tão notáveis que espero que o público se encante tanto quanto eu.

5 A propósito, esta não é uma profecia de hoje; é tão antiga quanto a conspiração da pólvora, e a história mostrará que nela há tão pouca impostura quanto os jacobitas dizem haver na pessoa a quem ela parece se referir; mas deixo ao leitor decidir se ambas são igualmente imposturas ou não.

6 J. OLDMIXON.

7 A PROFECIA.

8 NO reinado do rei Jaime I, viveu um homem em geral tido por tolo, cujo nome era Nixon. Certo dia, ao voltar para casa depois de arar, largou as coisas que trazia nas mãos e ficou por algum tempo numa meditação aparentemente profunda e pensativa. Por fim, pronunciou em voz alta e rouca: “Agora vou profetizar”; e falou o seguinte:

9 “Quando um corvo fizer ninho na boca de um leão de pedra, no alto de uma igreja em Cheshire, um rei da Inglaterra será expulso de seu reino e nunca mais voltará.”

10 “Quando uma águia pousar no alto da casa, nascerá um herdeiro da família Cholmondeley, e esse herdeiro viverá para ver a Inglaterra invadida por estrangeiros, que avançarão até uma cidade em Cheshire; mas nascerá um moleiro chamado Peter, com dois calcanhares num só pé, e, vivendo naquela época num moinho do sr. Cholmondeley, ele ajudará a salvar a nação.”

11 “A pessoa que então governar a nação estará em grande apuro e andará escondida. O rei invasor será morto, posto atravessado sobre o lombo de um cavalo como um bezerro e conduzido em triunfo. O moleiro, por ter ajudado nisso, apresentará a pessoa que então governará o reino e será feito cavaleiro pelo que fez; depois disso, a Inglaterra verá dias felizes. Surgirá um novo grupo de jovens de costumes virtuosos, que prosperará e fará florescer uma igreja por duzentos anos.”

12 “Como sinal de que tudo isso é verdade, um muro do sr. Cholmondeley cairá. Se cair para baixo, a igreja será oprimida e nunca mais se erguerá; mas, se cair para cima, em direção à colina que se eleva ao lado, então voltará a florescer. Sob esse muro serão encontrados os ossos de um rei britânico.”

13 “Um lago correrá com sangue por três dias, e o Pilar de pedra da Cruz na floresta afundará tanto no chão que um corvo, do alto dele, beberá o melhor sangue da Inglaterra.”

14 “Nascerá um menino com três polegares, e ele segurará os cavalos de três reis enquanto a Inglaterra for conquistada e perdida três vezes num só dia.”

15 O original pode ser encontrado em várias famílias do condado e, em particular, nas mãos do sr. Egerton, de Oulton, junto com muitas outras coisas notáveis; por exemplo, que o moinho de vento de Peckforton seria transferido para a colina de Ludington e que cavalos selados correriam por aí enquanto as cilhas apodreciam. Mas isso basta para provar que Nixon foi um profeta tão grande quanto Partridge; e antes de terminar com ele, daremos outras provas disso.

16 Sei que seus profetas costumam falar de monstros e ossos ensanguentados e, por isso, não dou muita atenção a isso; senão, poderia acrescentar que o moinho de Oulton seria movido a sangue em vez de água. Mas esses adivinhos são grandes açougueiros, e para eles todo salão é um matadouro.

17 Quanto às provas de que esta profecia é autêntica e de como se cumpriu até agora, posso remeter a todo o condado de Chester, onde ela está na boca de todos há quarenta anos. O trecho do manuscrito que tenho foi enviado por uma pessoa sensata e confiável, tão pouco inclinada a visões quanto qualquer outra. De minha parte, não baseio nada nesta ou em qualquer outra profecia; apenas há algo tão estranho na história e tão certeiro em sua formulação que não consigo deixar de apresentá-la tal como a encontrei.

18 A família Cholmondeley é muito antiga neste condado e tomou o nome de um lugar assim chamado perto de Nantwich; há também Cholmton e Cholmondeston. A sede do ramo da família que acolheu nosso profeta Nixon fica em Vale-Royal, no rio Weave, na floresta de Delamere. Antigamente era uma abadia, fundada por Eduardo I, e passou aos Cholmondeley por meio da famosa família Holcroft.

18.2 Quando Nixon profetizou, essa família estava perto de se extinguir: o herdeiro havia se casado com a filha de sir Walter St. John, uma senhora considerada já não muito jovem. Apesar disso, ela engravidou, entrou em trabalho de parto e permaneceu assim por muitos dias; durante esse tempo, uma águia pousou no telhado da casa e voou embora quando ela deu à luz um filho.

19 Também se sabe que um corvo fez ninho na boca de um leão de pedra, no campanário da igreja de Over, na floresta de Delamere. Pouco antes da abdicação do rei Jaime, o muro mencionado caiu para cima e, ao remove-

rem os escombros, encontraram os ossos de um homem de tamanho maior que o comum. Na mesma época, um lago correu com água de tom avermelhado, algo que nunca se soube ter acontecido antes ou depois.

20 A cruz sem cabeça na floresta, que na memória das pessoas tinha vários pés de altura, agora está a apenas meio pé do chão.

21 Na paróquia de Budworth, nasceu há cerca de dezoito anos um menino com três polegares; o jovem ainda vive lá, e o moleiro Peter vive no moinho de Noginshire, esperando cumprir esta profecia com a pessoa de Perkin.

21.2 Ele também tem dois calcanhares num só pé, e vejo que pretende usá-los em favor do rei George, pois é um britânico corajoso e súdito leal, zeloso pela sucessão protestante na ilustre Casa de Hanôver. Tem voto para escolher os cavaleiros do condado e nunca deixa de votar do lado certo.

21.3 Em suma, Peter discursará ou lutará pela boa causa para a qual Nixon o convocou; e, se não resolver a questão, deve-se dizer dele que ninguém poderia se empenhar melhor nisso.

21.4 Lady Egerton temia tanto essa possibilidade que, desejando outra restauração, muitas vezes instigava o marido a expulsá-lo do moinho; mas ele achava aquilo uma extravagância, e assim Peter continua lá, na esperança de ser um cavaleiro tão bom quanto sir Philip, seu senhor.

22 Sobre esse Peter, disseram-me que Lady Narcliff, de Chelsea, e Lady St. John, de Battersea, junto com várias outras pessoas respeitáveis e de posição, foram muitas vezes ouvidas falar dele; todas afirmaram conhecer a verdade de nossa profecia e seu cumprimento, além de muitos pormenores mais extraordinários do que qualquer um que mencionei até agora.

23 Quando as previsões de Nixon chegaram aos ouvidos do rei Jaime I, ele fez questão de ver esse tolo, que chorou e fez escândalo para não ir à corte. A razão que deu foi que lá morreria de FOME.

23.2 — (Uma ideia muito extravagante, pois as cortes não são lugares onde as pessoas costumam passar fome depois que chegam lá, por mais que talvez tenham passado antes.)

23.3 — Ao saber que Nixon se recusava a ir, o rei disse que tomaria cuidado especial para que ele não passasse fome e ordenou que o trouxessem. Nixon exclamou que o tinham chamado de novo; pouco depois, chegou o mensageiro, que o levou de Cheshire.

24 Ninguém sabe como, nem se, ele profetizou para Sua Majestade; mas não foi o primeiro tolo a se tornar um bom profeta da corte.

25 Para que Nixon fosse bem cuidado, ordenou-se que ficasse na cozinha. Ele se tornou tão incômodo, lambendo e beliscando a carne, que os cozinheiros o trancaram num buraco; e, quando o rei partiu de repente de Hampton Court para Londres, na correria esqueceram o tolo, que morreu de fome de verdade.

26 Muitas histórias da vida e das palavras desse tolo profeta foram transmitidas de pai para filho neste condado palatino. Conta-se que, quando vivia com um fazendeiro, antes de ser acolhido pela família do sr. Cholmondeley, ele espicaçou um boi com tanta crueldade que um dos lavradores ameaçou espancá-lo por maltratar o animal do patrão.

26.2 Nixon disse: “O boi do meu patrão não será dele daqui a três dias.” Naquela época, uma propriedade ficou sem herdeiro, e o senhor do feudo tomou o mesmo boi como heriot. Este relato, por mais extravagante e fan-

tasioso que seja, foi contado a Lady Cowper no ano de 1670 pelo dr. Patrick, então bispo de Ely, que fora capelão de sir Walter St. John.

26.3 Aquela senhora recebeu ainda os seguintes pormenores sobre esta profecia e o cumprimento de muitas de suas partes de Mrs. Chute, irmã de Mrs. Cholmondeley, de Vale-Royal.

26.4 Ela afirmou que uma multidão se reuniu para ver a águia mencionada acima e que a ave foi afugentada de seus filhotes; ela mesma estava entre as pessoas, e o clamor delas era: "A profecia de Nixon se cumpriu, e temos um rei estrangeiro." Declarou que leu a profecia muitas vezes quando sua irmã estava grávida do herdeiro que hoje possui a propriedade.

26.5 Lembra-se muito bem de que o rei Jaime II foi claramente indicado e de que se predisse que ele tentaria subverter as leis e a religião deste reino, razão pela qual o povo se levantaria e o expulsaria; e que a águia sobre a qual Nixon profetizou pousou numa das janelas durante todo o trabalho de parto de sua irmã.

26.6 Ela diz que era a maior ave que já vira; havia uma neve profunda, e a águia pousou na beirada de uma grande janela saliente, que tinha uma ampla moldura do lado de fora. Ela e muitas outras pessoas abriram a janela para tentar afugentá-la, mas a ave não se moveu até Mrs.

26.7 Cholmondeley dar à luz; depois, levantou voo até uma grande árvore diante do quarto onde sua irmã estava deitada. Ficou ali por cerca de três dias e foi embora durante a noite.

26.8 Ela afirmou ainda a Lady Cowper que a queda do muro do jardim era algo incontestável, pois muitas pessoas se lembravam de que fora profetizado que o herdeiro de Vale-Royal viveria para ver a Inglaterra invadida por estrangeiros e lutaria bravamente por seu rei e seu país; que o moleiro mencionado ainda está vivo, espera ser feito cavaleiro e está justamente no

moinho previsto; que ele mataria dois invasores que entrariam no país, um vindo do Oeste e outro do Norte; que o do Norte traria consigo gente de todas as nações — suecos, dinamarqueses, alemães e holandeses — e que, nas dobras de suas roupas, traria fogo e fome, peste e assassinato; que muitas grandes batalhas seriam travadas na Inglaterra, uma delas na Ponte de Londres, tão sangrenta que as pessoas cavalgariam pelas ruas de Londres com o sangue chegando à barriga dos cavalos; que outras batalhas seriam travadas em várias partes de Cheshire; e que a última batalha já travada na Inglaterra seria na floresta de Delamere; que o herdeiro de Oulston, chamado E—, casado com a irmã do conde Cholmondeley, seria enforcado no próprio portão.

27 Por fim, Nixon prevê grande glória e prosperidade para aqueles que se levantarem em defesa de suas leis e liberdades; e ruína e miséria para os que as traírem.

27.2 Diz que, no ano anterior a isso acontecer, os cereais usados para fazer pão estarão muito caros, e que no ano seguinte começarão mais problemas, que durarão três anos: o primeiro será moderado, o segundo sangrento e o terceiro intolerável; se não forem abreviados, nenhum mortal poderá suportá-los; e não haverá calamidade que a pobre Inglaterra não venha a sentir nessa época.

27.3 Mas GEORGE, FILHO DE GEORGE, porá fim a tudo. Depois disso, a igreja florescerá, e a Inglaterra será a nação mais gloriosa da Terra.

28 Lady Cowper não se contentou em receber esses pormenores de Mrs. Chute: perguntou a sir Thomas Aston se a profecia era verdadeira, e ele confirmou que tinha grande reputação em Cheshire e que todos sabiam

que os fatos haviam acontecido como Nixon dissera. Acrescentou que, na manhã anterior à queda do muro do jardim, seu vizinho, o sr.

28.2 Cholmondeley, ao sair para caçar, dissera: "Nixon raramente erra, mas agora acho que vai errar, pois previu que hoje o muro do meu jardim cairia, e me parece que ele ficaria de pé por quarenta anos."

28.3 Ele não tinha ido muito longe — não mais que quinze minutos — quando o muro rachou e caiu para cima, em direção à encosta da colina, o que, segundo Nixon, era o presságio de uma igreja florescente.

29 Quanto à mudança do moinho de Peckforton, ela foi feita por sir John Crew. Como o moinho perdera o comércio naquele lugar, ele mandou instalá-lo na colina de Ludington; ao lhe perguntarem se fizera isso para cumprir a profecia, declarou que nunca tinha pensado nisso. Eu mesmo perguntei a uma pessoa que conhece o lago do sr.

29.2 Cholmondeley tão bem quanto o lago de Rosamond, no parque de St. James, e ela me garantiu que a queda do muro e o lago correndo sangue — como dizem — são fatos que, em Cheshire, qualquer um seria considerado louco por pôr minimamente em dúvida.

29.3 Como ainda há vários pormenores desta profecia por cumprir, quando se realizarem talvez se acrescentem outras circunstâncias, que não convém contar antes que aconteçam.

30 Se eu quisesse investigar as antiguidades deste condado, poderia descobrir que prodígios e profecias não são raros por lá. Camden nos conta que em Brereton, a poucos quilômetros de Vale-Royal, que deu nome a uma família famosa, antiga, numerosa e de cavaleiros, há algo tão estranho quanto a águia ou a queda do muro.

30.2 Segundo ele, muitas pessoas lhe confirmaram o fato, que era amplamente aceito: antes da morte de qualquer herdeiro dessa família, troncos de árvores são vistos flutuando na água de um lago próximo, por vários dias seguidos. Ele também acrescenta que, perto da abadia de St.

30.3 Maurice, na Borgonha, há um viveiro de peixes com tantos peixes quantos são os monges daquele lugar; se algum deles adoece, vê-se um peixe flutuando na superfície da água; e, se a doença do monge for fatal, o peixe anuncia isso morrendo alguns dias antes.

30.4 Isso é relatado pelo erudito Camden em sua descrição de Cheshire, e a crença nas árvores que flutuam no lago perto de Brereton prevalece em todo o condado até hoje, com uma única diferença: alguns dizem que só um tronco flutua, outros dizem que são muitos.

31 Lancashire, que fica perto, é famosa por suas bruxas, e receio que Cheshire tenha sido um pouco contaminada pela vizinhança. Quem não acreditar em nossa profecia pode deixá-la de lado; mas, se a esperança ajuda a fé, não ficarei muito tempo entre os incrédulos.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

UMA VISÃO VISTA NA FLORESTA DE DELAMERE

✦

1 O Editor apresenta aos leitores uma cópia de um impresso cuja autenticidade foi atestada por várias pessoas idosas que moram perto da floresta.

2 Relato verdadeiro e detalhado de uma visão estranha e surpreendente, vista na Floresta de Delamere, em Cheshire, no dia 4 do mês passado.

3 COMO Nixon, no reinado do rei Jaime I, profetizou muitas coisas estranhas e extraordinárias que aconteceriam, como o nascimento de um herdeiro para Lorde Cholmondeley, algo que naquele tempo havia poucos motivos para esperar, mas que aconteceu; e que o filho mais velho, ou jovem Lorde Cholmondeley, teria a infelicidade de quebrar o pescoço ao sair para caçar a cavalo, acidente que realmente ocorreu; e várias outras coisas que já se realizaram conforme a dita profecia.

3.2 Em particular, profetizou uma batalha ou combate extraordinário que seria travado na Floresta de Delamere. Como agora se espera plenamente que sejamos invadidos por nossos inimigos naturais e implacáveis, os franceses, também se pensa que isso ocorrerá no norte da Inglaterra e, com toda probabilidade, a dita Floresta de Delamere poderá ser o local da ação ou do combate. E o que fortalece ainda mais essa crença é a visão vista na dita floresta no dia 4, como segue:

4 Enquanto duas pessoas idosas caminhavam pela dita floresta, para grande surpresa delas, viram ao longe, diante de si, um exército surgir do chão, formado com seus oficiais e comandantes à frente.

4.2 Enquanto olhavam e refletiam sobre visão tão estranha, para sua enorme surpresa e espanto, também surgiu do chão outro exército, a pouca distância do primeiro e mais para dentro da floresta. Esse exército era liderado ou comandado por um homem com trajes reais que, depois de formar suas tropas, marchou para enfrentar o primeiro exército.

4.3 Então começou uma batalha muito sangrenta com armas de fogo, e muitos pareciam ser mortos dos dois lados. Mas, estando tão perto uns dos outros, depuseram ou baixaram as armas e empunharam as espadas, com as quais fizeram grande mortandade. Depois chegaram tão perto que guardaram as espadas e lutaram com as mãos.

4.4 Todos esses combates duraram mais de três quartos de hora, durante os quais as duas pessoas idosas foram espectadoras. Por fim, os sobreviventes do exército que apareceu primeiro recuaram em direção ao mar e desapareceram imediatamente de sua vista; enquanto o outro exército, comandado pelo homem com trajes reais, saiu vitorioso do campo de batalha e marchou até onde era possível vê-lo.

4.5 Depois que essas pessoas idosas falaram da visão acima, a notícia chegou aos ouvidos de vários cavalheiros, que mandaram chamá-las e as interrogaram sobre a veracidade do relato. Elas estavam prontas a jurar que era verdade, para satisfação deles.

5 No dia 6 do mesmo mês, enquanto sete homens atravessavam a dita floresta a caminho de Cheshire, mais ou menos no meio dela, viram, para seu espanto, uma visão muito parecida com a que foi descrita acima como tendo ocorrido no dia seis.

5.2 Havia apenas este acréscimo: o exército vitorioso parecia ter muitos mortos, mas eles voltaram à vida e se juntaram de novo ao próprio exército. Tudo isso é visto como um bom presságio: se a Inglaterra for invadida por seus inimigos, embora a nação pareça estar morta e muito dividida, ao se aproximar o inimigo todos, unidos num só coração e numa só vontade, se empenharão em repelir nossos inimigos mais implacáveis.

6 Embora algumas pessoas considerem as Profecias de Nixon fábulas, pelo que se cumpriu, agora se pensa e fica muito claro que a maioria delas se realizou ou se realizará. Por isso, temos todos motivos não só para empregar toda a nossa força em repelir nossos inimigos, mas também para abandonar nosso modo de vida desregrado e perverso e fazer orações contínuas a Deus por proteção e segurança.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PROFECIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA, POR PETER JURIEU (1687)

✦

1 Apocalipse xi. 13.

2 E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade; e no terremoto morreram sete mil homens, e os sobreviventes ficaram aterrorizados e deram glória a Deus.

3 ORA, qual é a décima parte da cidade que cairá? Na minha opinião, não podemos duvidar de que seja a França. Esse reino é a parte ou porção mais importante dos dez chifres, ou Estados, que outrora formavam a grande cidade babilônica.

3.2 Ela caiu; isso não significa que a Monarquia Francesa será destruída: poderá ser humilhada, mas tudo indica que a Providência reserva para ela uma grande elevação depois. É muito provável que Deus não deixe impunes os horríveis ultrajes que ela comete hoje.

3.3 Depois, ela deverá construir sua grandeza sobre as ruínas do império papal e enriquecer-se com os despojos daqueles que tomarem o partido do papado. Os que hoje perseguem os protestantes não sabem para onde Deus os conduz: esse não é o caminho pelo qual ele levará a França ao auge da glória. Se ela chegar lá, será porque em breve mudará de rumo.

3.4 Seu engrandecimento não prejudicará os Estados protestantes; pelo contrário, os Estados protestantes serão enriquecidos com os despojos de outros e fortalecidos pela queda do império do Anticristo. Essa décima

parte da cidade cairá no que diz respeito ao papado; romperá com Roma e com a religião romana.

3.5 Uma coisa é certa: o império babilônico perecerá quando os dez Reis, que haviam dado seu poder à besta, lhe recusarem obediência. Isso já aconteceu em parte. Os reinos da Suécia, da Dinamarca, da Inglaterra e vários Estados soberanos da Alemanha se retiraram da jurisdição do Papa. Despojaram a prostituta de suas riquezas.

3.6 Comeram sua carne, isto é, tomaram seus benefícios e rendas que ela possuía em seus países. Isso deve continuar e se completar conforme começou. Os Reis que ainda permanecem sob o império de Roma devem romper com ela e deixá-la só e desolada.

4 Mas quem deverá iniciar essa última revolta? É muito provável que seja a França. Não a Espanha, que ainda está mergulhada na superstição e submetida à tirania do clero tanto quanto antes. Nem o Imperador, que, nos assuntos temporais, está sujeito ao Papa e permite que, em seus Estados, o arcebispo de Estrigônia ensine que o Papa pode tirar dele a coroa imperial.

4.2 Não pode ser outro país senão a França, que há muito começou a sacudir o jugo de Roma. É bem conhecido como a guerra contra o Papa foi declarada de maneira solene e aberta: por uma declaração do Rei, ratificada em todos os parlamentos; pelas decisões da assembleia do clero francês; e por um debate contra a autoridade do Papa, conduzido na Sorbonne, solenemente e por ordem da corte.

4.3 E, para aumentar a afronta, as teses foram afixadas até mesmo nos portões de seu Núncio. Nada desse tipo havia acontecido até então, pelo menos em tempo de paz e a menos que o Papa tivesse dado motivo com sua insolência.

5 Além disso, a superstição e a idolatria estão perdendo muito de sua influência na França. Há um partido secreto, embora bastante conhecido, que despreza profundamente as devoções populares, as imagens e o culto aos santos, e está convencido de que tudo isso são invenções humanas: Deus já está preparando o caminho para sua grande obra.

6 A isso se pode objetar que, nos últimos cento e cinquenta anos, o império do Papa não foi composto por dez Reis, pois os Reis da Inglaterra, da Suécia, da Dinamarca etc. se libertaram de seu governo; e, por consequência, a França não é hoje a décima parte do império babilônico, pois representa mais do que uma décima parte dele.

6.2 Mas isso não é problema, pois devemos saber que as coisas conservam os nomes que tinham em sua origem, sem levar em conta as mudanças que o tempo traz. Embora hoje não haja dez reinos sob o império babilônico, é certo, porém, que cada reino era chamado e deve ser chamado nesta profecia de uma décima parte, porque, tendo o profeta descrito esse império em seu início por meio de seus dez chifres, ou dez Reis, é necessário, para entendermos claramente, que cada um desses Reis e reinos seja chamado de um dos dez Reis, ou de um dos dez reinos, em relação à constituição original do império do Anticristo.

7 Uma vez que a décima parte da cidade que deve cair é a França, isso me dá alguma esperança de que a morte das duas testemunhas tenha uma relação particular com esse reino. Ele é a rua ou praça dessa cidade, isto é, sua parte mais bela e importante. As testemunhas devem permanecer mortas na rua e nela devem ressuscitar.

7.2 E, como a morte das testemunhas e sua ressurreição têm relação com o reino da França, pode muito bem acontecer que não estejamos longe do tempo da ressurreição das testemunhas, pois os três anos e meio de sua morte já começaram ou começarão em breve.

8 E no terremoto morreram sete mil; no grego, são sete mil nomes de homens, e não sete mil homens. Confesso que isso parece um tanto misterioso: em outros lugares não encontramos a expressão "nomes de homens", mas simplesmente "homens".

8.2 Talvez haja uma figura de linguagem chamada hipálage de caso, de modo que "nomes de homens" esteja no lugar de "homens de nome", isto é, de condição elevada e importante, seja por causa da riqueza, da dignidade ou do saber.

8.3 Mas estou mais inclinado a dizer que aqui esses "nomes de homens" devem ser entendidos em seu sentido natural e indicam que a Reforma completa da França não será feita com derramamento de sangue; nada será destruído além dos nomes, como os nomes de monges, carmelitas, agostinianos, dominicanos, jacobinos, franciscanos, capuchinhos, jesuítas, mínimos e uma infinidade de outros, cujo número não é fácil de determinar e que o Espírito Santo indica pelo número sete, que é o número da perfeição, para mostrar que as ordens de monges e freiras perecerão para sempre.

8.4 Essa instituição se desviou tanto de sua origem primeira que se tornou a ruína do Anticristo. Essas ordens não podem perecer umas sem as outras.

9 Esses grandes acontecimentos merecem ser distinguidos de todos os outros, pois mudaram ou mudarão A FACE INTEIRA DO MUNDO.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TRECHOS DE SERMÕES DO DR. JOHN GILL

✦

1 Há alguns períodos fixados na profecia que, com diligência, atenção e estudo, as pessoas podem chegar a compreender em certa medida. De fato, há tempos e épocas cujo conhecimento não se pode alcançar; seria errado, além de inútil, investigá-los com curiosidade.

1.2 Não cabe a nós conhecer os tempos ou as épocas que o Pai colocou sob seu próprio poder, pois ele determinou os tempos previamente estabelecidos em que tudo o que propôs ou prometeu acontecerá; e fixou um tempo para cada propósito debaixo do céu, para que se cumpra tudo o que ele planejou: tempo de nascer, tempo de morrer e tempo para cada acontecimento entre eles.

1.3 Mas esses tempos não são conhecidos de antemão, até que as coisas se realizem. Há outros acontecimentos muito notáveis, cujos tempos são indicados na profecia e cujo conhecimento, com diligência e estudo, pode ser alcançado em certa medida.

1.4 Por exemplo, a primeira vinda de Cristo a este mundo para salvar as pessoas: o tempo foi não só combinado e estabelecido entre o Pai e o Filho, chamado plenitude do tempo, como também houve vários indícios proféticos a respeito.

1.5 Não foi apenas descrita por algumas circunstâncias gerais — que aconteceria antes da destruição do segundo templo, pois ele viria a ele, e enquanto o cetro estivesse na tribo de Judá —, mas o tempo exato foi fi-

xado pelas setenta semanas de Daniel, ou quatrocentos anos, que começariam a partir de uma data que lhe foi dada; antes do fim desse período, o Messias viria.

1.6 Assim como Daniel, ao ler os livros de Jeremias, soube quando terminaria o cativeiro babilônico, outra pessoa, lendo suas profecias, poderia saber quando o Messias viria.

1.7 E, de fato, por volta da época em que aquelas semanas se aproximavam do fim, muitos aguardavam o Messias e a redenção por meio dele, sabendo que ele viria mais ou menos naquele tempo, conforme indicado por essas semanas. Há um tempo determinado para a segunda vinda, e Deus, no tempo certo, o mostrará ou fará com que apareça publicamente.

1.8 Embora ele venha numa hora que não conhecemos, há algumas circunstâncias indicadas na palavra de Deus pelas quais se pode saber que ela está próxima: o dia em que o Filho do homem for revelado será como nos dias de Noé e de Ló, quando as pessoas se entregavam aos prazeres, viviam em grande segurança e não percebiam a ruína que se aproximava; e, quando o Filho do homem vier, não se encontrará fé na terra — quer isso seja entendido como a graça ou a doutrina da fé, quer como a fé na vinda de Cristo.

1.9 Ao comparar essas coisas com os tempos atuais e considerar o luxo, o amor pelos prazeres, a segurança carnal e a incredulidade que abundam entre nós, poderíamos concluir que a vinda de Cristo está muito próxima, se não houvesse muitas coisas que ainda precisam de tempo para se cumprir antes dela, como a destruição do Anticristo, a conversão dos judeus e a entrada da plenitude dos gentios.

1.10 O juízo final, que acontecerá na segunda vinda de Cristo, é igualmente certo, pois foi conhecido desde cedo e muitas vezes anunciado. Enoque, o sétimo depois de Adão, profetizou a respeito dele e da vinda de Cristo para realizá-lo. O dia está determinado, embora ninguém saiba o dia e a hora, nem os anjos no céu, mas apenas o Pai.

1.11 Contudo, as principais coisas que acontecerão em relação à igreja entre a primeira e a segunda vinda de Cristo para julgar nos são indicadas no livro do Apocalipse.

2 Sermão sobre 1 Crônicas xii. 32,
pregado em 1º de janeiro de 1752.

3 A destruição do Anticristo é o grande acontecimento que abre caminho para as glórias deste estado. Isso é indicado na carta à igreja de Filadélfia, símbolo do reino espiritual; será a última investida da besta, que provocará aquela hora de provação que virá sobre todo o mundo para pôr à prova seus habitantes.

3.2 Quando a sétima trombeta for tocada, dando início ao reino espiritual de Cristo em todo o mundo, ele destruirá os que destroem a terra; isto é, os papistas, que destruíram os habitantes da terra com sua falsa doutrina, seu culto supersticioso e as guerras sangrentas, os assassinatos e os massacres que tramaram.

3.3 Enquanto isso não acontecer, o reino espiritual não poderá se estabelecer, sobretudo em toda a sua extensão e em todos os seus aspectos; pois, enquanto o Anticristo reinar, a igreja estará, em maior ou menor medida, aflita. O período das tribulações da igreja e o do reinado do Anticristo são iguais e terminarão juntos.

3.4 O poder dado à besta durará quarenta e dois meses; por conseguinte, não haverá dias verdadeiramente bons e felizes até que esses períodos terminem.

4 A destruição do Anticristo se dará pelo sopro da boca de Cristo e pelo esplendor de sua vinda; isto é, pela sua vinda de modo espiritual, ou por meio da palavra de sua boca, seu evangelho acompanhado de seu Espírito e poder.

4.2 Ele brilhará com tanto fulgor, esplendor, luz e glória que afastará as trevas do papismo e iluminará a mente das pessoas, para que vejam todas as tolices, absurdos e maldades dessa religião e a abandonem.

4.3 Sim, abrirá até mesmo os olhos dos reis e príncipes da terra, para que contemplem e detestem as abominações da prostituta de Roma, com quem cometeram adultério; e os encherá de ira e indignação contra ela, a ponto de odiá-la, deixá-la nua e desolada e queimá-la no fogo.

5 Essa obra será realizada em grande medida pelo derramamento das sete taças da ira de Deus, ou pela aplicação das sete últimas pragas aos Estados anticristãos, ao Anticristo do Ocidente e ao do Oriente, o papa e o turco; ambos precisam ser removidos para abrir caminho ao reino espiritual de Cristo.

5.2 Essas sete taças serão derramadas, ou essas pragas serão aplicadas, por anjos; por eles devemos entender reis, príncipes e generais protestantes. Um dos quatro seres viventes, ou o primeiro deles, símbolos dos ministros do evangelho, lhes dará essas taças.

5.3 Tendo recebido algum aviso de que a destruição do Anticristo está próxima, eles estimularão e animarão os príncipes e governantes cristãos a realizar essa obra. Por isso se diz que saem do templo, a igreja, lugar de

culto divino e espiritual, onde eles mesmos adoram; e de onde recebem ordens para partir e realizar sua obra.

6 As cinco primeiras dessas taças dizem respeito ao Anticristo do Ocidente e a seus domínios. Há grande correspondência entre elas e as trombetas, embora se refiram a épocas e pessoas diferentes. A primeira taça será derramada sobre a terra e representa os países papistas do continente, como França e Alemanha, principalmente esta última.

6.2 Assim como a primeira trombeta trouxe os godos à Alemanha, a primeira taça trará grande aflição ao partido papista no império e resultará numa reforma do papismo. A segunda taça será derramada sobre o mar e pode representar as potências marítimas ligadas à sede de Roma, especialmente Espanha e Portugal.

6.3 Assim como a segunda trombeta trouxe os vândalos a esses lugares, essa taça produzirá o mesmo efeito, levando guerras e devastação a eles e provocando uma mudança em sua religião. A terceira taça será derramada sobre os rios e as fontes de água, o que pode apontar para os lugares próximos a Roma, como Itália e Saboia.

6.4 Assim como a terceira trombeta trouxe os hunos àquelas regiões, essa taça levará para lá grandes exércitos, causando muito derramamento de sangue e uma grande transformação na igreja e no Estado. A quarta taça será derramada sobre o sol, que deve representar uma ou mais pessoas de grande dignidade e influência.

6.5 Assim como a quarta trombeta trouxe destruição ao imperador de Roma, o sol do império, e aos governantes subordinados a ele, representados pela lua e pelas estrelas, essa taça provocará a ruína do papa de Roma, o

sol do império anticristão, junto com todos os seus cardeais, bispos, padres etc.

6.6 A quinta taça será derramada sobre o trono da besta, que é Roma, o lugar que o diabo deu à besta, e produzirá grandes trevas em seu reino. Contudo, ele ainda não será totalmente destruído; isso está reservado para a sétima taça.

6.7 Essas várias taças serão pragas para o Anticristo do Ocidente e causarão muitas brechas e ruínas em seus Estados e domínios; ao mesmo tempo, serão etapas graduais para o avanço da glória e do reino de Cristo e resultarão na reforma desses lugares, afastando-os do papismo.

6.8 A sexta taça será derramada sobre o rio Eufrates, que representa o império turco, atravessado por esse rio. Assim como a sexta trombeta soltou os quatro anjos, ou chefes da família otomana, na Europa, essa taça atingirá o mesmo império e o destruirá, como indica o secamento das águas do rio. A destruição da Babilônia é descrita pelo secamento de seu mar, Jr. li.

6.9 36; isso abrirá caminho para o rei, ou para os reinos do Oriente — os reinos da Pérsia, da Tartária e outros —, receberem e abraçarem a religião cristã. Essa é a segunda desgraça, ou desgraça turca, que passará.

6.10 Então os reinos deste mundo se tornarão de Cristo, e seu domínio se estenderá de mar a mar, do mar Mediterrâneo ao mar da Pérsia, e do rio Eufrates até os confins da terra. A sétima taça será derramada sobre o ar, o reino inteiro de Satanás, em todos os seus aspectos, pois ele é o príncipe da potestade do ar.

6.11 Essa taça limpará o mundo inteiro de todos os inimigos restantes de Cristo, pagãos, papistas e maometanos, que as outras taças deixaram ou não alcançaram. Então o reino de Cristo estará em toda a sua glória. Os gentios,

papistas, pagãos e maometanos desaparecerão desta terra; esses tipos de pecadores serão consumidos da terra, e os perversos desse tipo não existirão mais.

7 Deus fará uma obra breve e justa contra os inimigos de sua igreja. Até agora, ao que me parece, nenhuma dessas taças foi derramada, embora alguns homens ilustres e eruditos tenham pensado assim.

7.2 Até agora não houve no continente devastações como as da França e da Alemanha que produzissem os efeitos mencionados; nem nos países da Espanha e de Portugal; nem na Itália e em Savóia, ou em lugares próximos de Roma; nem na sede da besta, a própria Roma; nem contra o Papa e seus cardeais.

7.3 O rio Eufrates não secou; o império otomano ainda existe; o flagelo turco ainda não passou; e muito menos o mundo foi libertado de todos os inimigos de Cristo e de sua igreja. Não: antes que essa obra se complete, o átrio exterior terá de ser entregue aos gentios, e as testemunhas terão de ser mortas.

7.4 Se essas taças tivessem começado a ser derramadas na época da Reforma, como alguns pensaram, é bem provável que já tivessem terminado; o Anticristo teria sido destruído, e teriam vindo tempos melhores do que os atuais.

7.5 Mas podemos ter certeza disto: assim como as pragas do Egito culminaram na destruição do Faraó e na libertação dos israelitas, essas taças terminarão na ruína do Anticristo e na salvação da igreja de Cristo.

7.6 Assim que essas coisas acontecerem — ou melhor, assim que ouvirem falar dessas sete pragas —, ouvirão imediatamente falar de pessoas sobre um mar de vidro, triunfando sobre o Anticristo, com as harpas de Deus

e cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro.

7.7 E, tão logo se diga que Babilônia caiu, ouvem-se vozes no céu atribuindo a Deus salvação, glória, honra e poder por seus juízos contra a grande prostituta; proclamando que reina o Senhor Deus Todo-Poderoso, que chegou o casamento do Cordeiro e sua noiva está preparada; e declarando felizes os convidados para a ceia das bodas do Cordeiro.

7.8 Tudo isso diz respeito ao reinado espiritual de Cristo, agora inaugurado pela ruína do Anticristo.

8 Haverá conversões em grande número por toda parte, nas diversas regiões do mundo: em todos os países papistas e estados anticristãos. Até os dez reis que entregaram seus reinos à besta, foram aliados do Anticristo e reinaram com ele, se afastarão dele; eles e seus súditos se rebelarão contra ele, serão convertidos e abraçarão o evangelho puro.

8.2 Como serão os príncipes e governantes cristãos que derramarão as sete taças sobre o Anticristo, levarão o evangelho consigo aonde quer que forem; ou, de todo modo, seus ministros irão logo atrás, com o caminho aberto pelos primeiros.

8.3 O ministério deles terá grande sucesso em toda parte, e aqueles que escaparem dos juízos de Deus nessas nações não apenas ficarão aterrorizados com eles, mas serão verdadeiramente convertidos pelo evangelho e darão glória ao Deus do céu.

8.4 Nas nações muçulmanas, depois de passar o flagelo turco e ser destruído aquele império, abrindo-se o caminho para levar o evangelho aos reinos do Oriente, haverá conversões grandes e numerosas por meio dele.

8.5 Há uma profecia muito clara disso em Isaías 60:7, capítulo que trata por inteiro do reinado espiritual e pessoal de Cristo: "Todos os rebanhos de Quedar se reunirão a ti, e os carneiros de Nebaiote te servirão; subirão com aceitação ao meu altar, e glorificarei a casa da minha glória."

8.6 Quedar e Nebaiote eram filhos de Ismael (Gênesis 25:13), que se estabeleceram na Arábia, país hoje ocupado pelos turcos. Portanto, essa é uma profecia da conversão de multidões naquelas regiões, pela qual crescerá a influência de Cristo e sua igreja será glorificada. Além disso, o evangelho abrirá caminho e terá sucesso em todos os países pagãos.

8.7 A cobertura e o véu de cegueira e ignorância lançados sobre todos os povos e nações serão removidos por ele. Não só as trevas do papismo e do islamismo, mas também as densas trevas do paganismo desaparecerão diante da luz e do brilho do nascer de Sião. Os gentios virão a ela; sua plenitude e seus exércitos serão trazidos para a igreja, convertidos pela Palavra.

8.8 E não virão apenas vastas multidões do povo comum, mas também pessoas de grande importância; reis serão iluminados por ela. Eles virão a Cristo, se prostrarão diante dele e o adorarão; entrarão em sua igreja e se tornarão membros dela. Reis serão pais que amparam, e rainhas, mães que amparam o seu povo; levarão suas riquezas, honra e glória para a casa dele.

8.9 E seus santos mamarão nos seios dos reis, sendo enriquecidos, honrados e protegidos por eles. Será o tempo em que o reino, o domínio e a grandeza dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. Isso não significa que haverá mudança na forma e na ordem do governo civil, que continuarão como agora.

8.10 Haverá reis e rainhas naquele tempo, como há hoje, conforme mostram essas profecias. Só quando começar o reinado pessoal de Cristo é que todo governo, autoridade e poder serão derrubados. A autoridade civil con-

tinuará como está durante o reinado espiritual; apenas mudará de mãos, ficando completamente nas mãos de reis e príncipes cristãos no mundo todo.

8.11 Sem dúvida, será exercida melhor, com mais ordem e regularidade, e a verdade e a justiça prevalecerão em toda parte. Mas não devo me esquecer daquele povo numeroso, os judeus, preservados como povo distinto por várias centenas de anos com esse propósito. A conversão deles será repentina, e toda a nação nascerá de uma só vez.

8.12 Parece que a conversão deles será como a do apóstolo Paulo, e ele parece indicar isso quando diz que, ao alcançar misericórdia, tornou-se um exemplo para os que haveriam de crer mais tarde; talvez se referisse a seus próprios compatriotas que creriam em Cristo nos últimos dias, cuja conversão seria semelhante à dele.

8.13 Assim como a conversão de Paulo foi repentina, em meio a toda a sua ignorância, incredulidade e rebelião, e sem a Palavra, pelo poder e pela graça imediatos de Deus, assim também será a deles. Não parece provável que se convertam por meio da Palavra, pois esse povo tem tanta aversão a ouvi-la, e é raro ver um judeu numa assembleia cristã.

8.14 Seja como for, todo o Israel será chamado, convertido e salvo. Há uma famosa profecia disso em Oseias 3:4, 5. No primeiro desses versículos, diz-se que os filhos de Israel ficarão muitos dias sem rei e sem príncipe, sem governo civil próprio, pois o cetro lhes foi tirado há muitas centenas de anos; sem sacrifício, diário, anual ou em qualquer ocasião, pois acreditam que é ilegal oferecer sacrifícios em qualquer lugar que não seja sua própria terra, em Jerusalém, no altar de Deus; e sem imagem, sem éfode e sem ídolos domésticos, sem qualquer tipo de ídolo ou culto a ídolos, pois não se dedicam à idolatria desde que voltaram do cativeiro na Babilônia.

8.15 E, assim como todas essas coisas se cumpriram exatamente neles, também se cumprirá o que vem depois: "Depois, os filhos de Israel voltarão" — pela fé e pelo arrependimento, deixando seu mau caminho, sua falta de arrependimento e incredulidade, e sua rejeição do Messias — "e buscarão o Senhor, seu Deus, e Davi, seu rei", o Messias, filho de Davi e rei deles, como explica o próprio Targum; "e temerão o Senhor e a sua bondade nos últimos dias", no reinado espiritual de Cristo.

8.16 Isso é sugerido como algo que ocorrerá no período da igreja de Filadélfia (Apocalipse 3:9). Então os filhos de Israel escolherão para si um só chefe, Cristo, a quem reconhecerão e aceitarão como seu chefe, senhor e rei. Eles sairão da terra, ou dos países onde estão, e irão para sua própria terra. Grande será o dia de Jezreel. E isso constituirá uma parte importante da glória do reino espiritual de Cristo.

9 A luz do evangelho, tanto nos pregadores quanto nos que o professam, será muito grande, clara e nítida. A luz da lua, como na dispensação atual, à qual se pode compará-la, será como a luz do sol, que representará aquela dispensação; e a luz do sol será sete vezes maior, como a luz de sete dias, como se a luz de sete dias fosse reunida e brilhasse de uma só vez.

9.2 São expressões hiperbólicas que mostram a imensa grandeza da luz do evangelho naqueles tempos. Não só as sentinelas, os ministros da Palavra, enxergarão claramente todas as verdades, mas suas ideias e opiniões serão coerentes e uniformes; haverá plena harmonia e acordo entre eles.

9.3 Até os cristãos comuns, os membros da igreja, conhecerão o Senhor e as coisas do evangelho com muita clareza e consolo, do menor ao maior. Então Deus assentará as pedras de Sião com belas cores e seus alicerces com

safiras, fará suas janelas de ágata, seus portões de carbúnculos e todos os seus limites de pedras preciosas.

9.4 Todos os seus filhos serão ensinados por Deus num grau jamais alcançado antes, com clareza, plenitude e de modo universal.

10 O amor fraternal, que agora esfriou, estará em seu auge e esplendor, de acordo com o nome desse período, Filadélfia, que significa amor fraternal. Não haverá mais contendas, animosidades nem brigas.

10.2 Efraim não invejará Judá por causa da preeminência no cargo, nos dons e na graça; e Judá não invejará Efraim com atitudes arrogantes ou autoritárias, discussões rancorosas e palavras ofensivas. Os dois pedaços de madeira, de Efraim e de Judá, serão um só na mão do Senhor.

10.3 Haverá harmonia e amor perfeitos, sem nada que perturbe, aflija ou incomode, nem que tenda a afastar uns dos outros. Não haverá entre eles espinhos que firam nem abrolhos que causem dor. Serão como os primeiros cristãos, unidos de coração, pensamento e juízo, todos empenhados em preservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.

11 A santidade, que convém à casa de Deus para sempre, adornará agora cada membro dela. Também não haverá no mundo tanta imoralidade quanto há hoje. A santidade será tão comum quanto a profanação é agora. Naquele dia, haverá nos sinos dos cavalos a inscrição “Santo ao Senhor”; sim, toda panela em Jerusalém e em Judá será santa ao Senhor dos Exércitos.

11.2 Por isso, ao escrever à igreja de Filadélfia, símbolo do reinado espiritual, Cristo assume títulos adequados à sua condição. Como a verdade e a santidade prevalecerão então, ele se apresenta assim: “Isto diz aquele que é

santo, aquele que é verdadeiro." Verdade e santidade caminham juntas: a verdade influencia o coração, e o coração, a vida e a conduta.

12 Haverá grande paz e prosperidade em todos os sentidos, interiores e exteriores, espirituais e temporais. Naqueles dias do reinado espiritual do Messias, os justos florescerão, e haverá abundância de paz enquanto durar a lua. Assim como os santos desfrutarão de grande paz de consciência e tranquilidade de espírito, também nada haverá fora deles para perturbá-los.

12.2 Não haverá mais perseguição; ninguém ferirá nem destruirá em todo o santo monte do Senhor. E, assim como não haverá discórdia entre eles, tampouco haverá aflição causada por inimigos. Não se ouvirá mais violência em sua terra, nem devastação e destruição dentro de suas fronteiras. Ó dias felizes e tranquilos! Passo a observar,

13 Haverá uma manifestação pessoal do Filho de Deus, e será gloriosa: ele aparecerá pessoalmente; o próprio Senhor descerá, não por meio de seu espírito, nem pela comunicação de sua graça, nem por sua presença graciosa, como antes; mas descerá em pessoa do terceiro céu, onde está, em nossa natureza, até o ar, onde será visível; todo olho o verá quando vier com as nuvens, ou nas nuvens do céu, que serão sua carruagem; ele descerá à terra no tempo certo; e seus pés estarão sobre o monte das Oliveiras, no mesmo lugar de onde subiu ao céu. Jó parece ter em vista essa descida quando diz que ele se levantará sobre a terra nos últimos dias; o que parece se referir não tanto à sua primeira vinda, mas à segunda, pois está ligado à ressurreição dos mortos.

14 Essa manifestação de Cristo será muito gloriosa: é chamada de gloriosa manifestação do grande Deus e de nosso Salvador Jesus Cristo.

15 Felizes são os que pertencem a esta cidade, os concidadãos dos santos e membros da família de Deus, cuja cidadania está no céu e que têm o direito de entrar pelas portas na cidade santa, a nova Jerusalém; mas miseráveis serão os que ficarem de fora, pois do lado de fora estão os cães. Então, quem é injusto continuará sendo injusto; quem é impuro continuará sendo impuro; quem é justo continuará sendo justo; e quem é santo continuará sendo santo.

16 Sermão sobre Salmo 87:3, pregado em 27 de dezembro de 1752.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

UMA PREVISÃO EXTRAORDINÁRIA RELATADA PELO SR. JOHN WESLEY

✦

1 Uma previsão extraordinária sobre a queda da Casa de Bourbon e da Casa da Áustria.

2 RELATADA PELO SR. JOHN WESLEY.

3 Pouco antes do fim da guerra recente em Flandres, alguém que veio de lá nos contou uma história muito estranha. Não sabia o que pensar a respeito, mas esperei até que John Haim viesse, pois não podia duvidar de sua honestidade mais do que de seu bom senso. Ele contou o seguinte: Jonathan Pyrah era membro de nossa sociedade em Flandres.

3.2 Eu o conheci por alguns anos e sabia que era um homem de caráter irrepreensível. Certo dia, foi convocado a comparecer perante o Conselho de Oficiais-Generais. Um deles perguntou: "O que estamos ouvindo a seu respeito? Dizem que você virou profeta e prevê a queda da sanguinária Casa de Bourbon e da arrogante Casa da Áustria. Gostaríamos que você fosse um profeta de verdade e que suas profecias se realizassem; mas que sinal nos dá para nos convencer de que é mesmo profeta e de que suas previsões vão se cumprir?"

3.3 Ele respondeu prontamente: "Senhores, dou-lhes um sinal: amanhã, ao meio-dia, haverá uma tempestade de trovões e relâmpagos como vocês nunca viram desde que chegaram a Flandres. Dou-lhes um segundo sinal: por menos que qualquer um de vocês espere algo assim, e por menor que seja a possibilidade disso agora, vocês travarão uma batalha geral contra os

franceses dentro de três dias. Dou-lhes um terceiro sinal: receberão ordem para avançar na primeira linha; se eu for um falso profeta, serei morto a tiros na primeira salva; mas, se for um profeta verdadeiro, receberei apenas uma bala de mosquete na panturrilha da perna esquerda."

3.4 Ao meio-dia do dia seguinte, houve uma tempestade de trovões e relâmpagos como nunca tinham visto em Flandres. No terceiro dia, contra todas as expectativas, houve a batalha geral de Fontenoy. Ele recebeu ordem para avançar na primeira linha e, logo na primeira salva, recebeu uma bala de mosquete na panturrilha da perna esquerda.

4 Quando a guerra terminou, ele voltou para a Inglaterra, mas a história chegou aqui antes dele. Por isso, foi chamado pela condessa de Stair e por várias outras pessoas de posição, que queriam ouvir de sua própria boca um relato tão surpreendente. Ele não suportou tanta honra; isso lhe virou inteiramente a cabeça. Em pouco tempo, enlouqueceu de vez e assim continua até hoje, ainda vivendo, ao que suponho, em Wibsey Moor Side, a poucos quilômetros de Bradford.

5 Tanto quanto se sabe sobre esse profeta militar. O Sr. Wesley observa numa nota que ele já morreu; mas não conseguimos confirmar se há algum relato dele e de suas previsões nos jornais ou em outras publicações periódicas da época. Se algum senhor tiver informações sobre o assunto, vale a pena compartilhá-las com o público.

6 Como parte dessa profecia se cumpriu, os objetivos que se pretende alcançar com a publicação são descobrir qual foi a profecia exata e se os diversos acontecimentos mencionados realmente ocorreram.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A VIDA E AS PROFECIAS DE MÃE SHIPTON

✦

1 NO segundo ano do reinado de Henrique VII, que foi o ano de 1486, vivia uma mulher chamada Agatha Shipton, num lugar chamado Knaresborough, em Yorkshire. Ela era de família pobre; seus pais morreram e a deixaram desamparada aos quinze anos. Depois da morte deles, ela continuou morando na casa antiga; mas, agora privada da ajuda de que antes dispunha, foi obrigada a pedir auxílio à paróquia. Fez isso com tanto pesar e tristeza que, ao pedir esmolas, parecia mais ordená-las do que solicitá-las com humildade.

2 Satanás viu que sua pobreza era grande e, conhecendo sua má inclinação (pois você deve entender que Satanás é um grande estudioso), e percebendo que ela estava disposta a aceitar qualquer proposta para mudar de condição, certa vez, quando ela estava sentada, melancólica, debaixo de uma árvore à beira de um rio, aproximou-se dela na forma de um jovem muito bonito.

2.2 “Bela moça”, disse ele, “por que está tão triste? Você é jovem demais para se preocupar com os cuidados do mundo. Venha, conte-me o que aconteceu; e, se estiver ao meu alcance ajudá-la, como tenho certeza de que está, você terá em mim um amigo.”

3 Agatha ergueu os olhos e, ao ver um rosto tão belo, não podia suspeitar que Satanás se escondia naquela aparência formosa. Então, em tom lamentoso, contou tudo o que a afligia, falando de suas grandes necessidades e di-

zendo que, sem saber trabalhar, não conseguia conseguir o que precisava.

3.2 "Ora", disse Satanás, "isso não é nada; faça o que eu digo, e tudo ficará bem." Ela disse que faria. Então ele mandou que ela o encontrasse no mesmo lugar no dia seguinte e disse que levaria alguns amigos, pois estava decidido a se casar com ela. Ela prometeu que iria; e assim se encontraram.

3.3 Ele chegou montado num cavalo imponente, com uma sela de amazona atrás para sua esposa, acompanhado de muitos fidalgos (como pareciam), todos bem montados e com grande pompa.

4 Os acompanhantes de Satanás logo colocaram sua noiva atrás dele; ela não duvidava nem um pouco de que tudo o que via fosse real.

5 Não precisaram de chicote nem de espora para apressar os cavalos, que eram impetuosos por natureza. Corriam com tanta velocidade que nem o vento conseguia alcançá-los a todo galope. Logo chegaram ao fim da viagem, onde parecia haver uma casa muito imponente, com um grande portão que, quando se aproximaram, foi aberto por um porteiro com sua libré. Ao descer do cavalo, ela entrou e viu muitos criados que, ao avistarem ela e o patrão, demonstraram grande respeito e reverência.

6 Satanás mandou trazer roupas luxuosas, e logo ela foi vestida com elas. Assim, magnificamente trajada, foi conduzida a um grande salão, onde havia uma longa mesa servida com toda a variedade de pratos que o mundo inteiro podia oferecer. Colocaram-na na cabeceira da mesa, ao lado de seu futuro marido; os demais convidados sentaram-se onde acharam melhor. Além das melhores iguarias, havia os melhores vinhos e a mais suave música.

7 Terminado o jantar, começaram a dançar. Então Satanás lhe disse que não era mortal, mas um espírito imaterial, sem o peso de um corpo e sem ser limitado por coisa material alguma: "Assim, quando quero, posso atravessar a terra, vasculhar seus tesouros e trazer de lá qualquer objeto precioso que eu queira para dar aos que me servem. Conheço todas as artes e ciências raras e posso ensiná-las a quem eu quiser. Posso perturbar os elementos, provocar trovões e relâmpagos, destruir as melhores coisas criadas para o uso do homem e aparecer na forma que eu quiser.

7.2 Levaria muito tempo descrever meu poder ou dizer o que posso fazer; vou apenas lhe dizer o que você fará. Depois disso, darei a você o poder de provocar granizo e tempestades, com relâmpagos e trovões. Os ventos estarão sob seu comando e a levarão aonde você quiser, por mais longe que seja, e a trarão de volta quando desejar. Os tesouros escondidos da terra estarão à sua disposição e ao seu alcance, e nada lhe faltará para completar sua felicidade aqui. Além disso, você poderá curar ou matar quem quiser, destruir ou preservar homens ou animais, saber o que aconteceu e dizer com certeza o que ainda acontecerá."

7.3 Observe, de passagem, que Satanás é mentiroso desde o princípio e promete dez milhões de vezes mais do que sabe que pode cumprir, para enredar uma alma.

8 A pobre e ignorante infeliz acreditou facilmente no que lhe dizia aquele grande enganador da humanidade. Encantada com a ideia de ser tão grandemente favorecida, consentiu em fazer tudo o que Satanás queria.

8.2 Então ele mandou que repetisse estas palavras depois dele: Raziel ellimiham mir amwish ziragia Psonthonphanchia Raphaelel have run a tapinot am becaz mitzphecat jarid cuman hapheah Gabriel Heydon turris

dungeonis philonomostarkes sophecord hankim.

8.3 Depois que ela repetiu essas palavras, ele mandou que repetisse também: Kametzeatuph Odel Pheraz Tumbag in Gall Flemmugen Victow Denmarkeonto. Ao terminar seu último discurso perverso, que nem mesmo os principais de seus asseclas entendiam, e cujo significado só o próprio Satanás podia decifrar, trovejou de modo tão horrível que cada estrondo parecia rachar o teto abobadado do céu e fazê-lo desabar sobre sua cabeça.

8.4 Ao mesmo tempo, o palácio imponente em que ela pensava estar desapareceu num instante, assim como suas roupas suntuosas. Quando seus olhos se abriram, ela se viu num bosque escuro e lúgubre, lugar que, desde a criação, mal havia recebido o benefício de um único raio de sol.

8.5 Enquanto pensava em que direção seguir para voltar, dois dragões flamejantes apareceram diante dela, atrelados a uma carruagem. Enquanto tentava decidir o que fazer, foi erguida para dentro dela sem perceber e, numa velocidade inimaginável, levada pelo ar até sua própria e pobre cabana.

9 Quando chegou em casa, os vizinhos se juntaram em torno dela. Sentindo sua falta havia dois ou três dias, suspeitavam seriamente de que algum mal lhe tivesse acontecido. Mas, ao verem seu rosto, todos ficaram espantados com a mudança tão estranha em sua aparência em tão pouco tempo!

9.2 Antes de encontrar Satanás, ela parecia saudável; agora, a vermelhidão e o aspecto rechonchudo haviam desaparecido, e só se via uma pele pálida e enrugada na bochecha, que, por falta de carne, parecia afundar na

boca, devorada por suas mandíbulas famintas. Os que tinham bom coração sentiram pena dela, consolaram-na e lhe deram dinheiro.

9.3 Com grande desprezo e desdém, ela o atirou de volta, dizendo que não queria nem precisava de esmolas, "pois aqui", disse ela, tirando a mão do bolso, "há dinheiro bastante". As pessoas perto dela viram que o que estava em sua mão não passava de folhas de álamo. Mesmo quando tentaram convencê-la de que estava enganada ao pensar que aquilo era dinheiro, ela não acreditou. Satanás já tinha um poder enorme sobre ela.

10 Por fim, ela mandou que todos fossem embora, pois começava a sentir pouco prazer na companhia de outras pessoas. Eles mal tinham saído quando Satanás veio visitá-la, com a mesma aparência de jovem bonito com que surgira pela primeira vez.

10.2 Disse que viera para substituir a companhia daqueles que ela sabiamente dispensara; que ela não precisava da companhia de nenhum ser humano, pois ele estaria sempre com ela. Trazia consigo tudo o que não só lhe garantiria o sustento, mas também lhe daria prazer e satisfação.

10.3 Então, por ordem de Satanás, surgiu de imediato, aparentemente, uma bela música, acompanhada de grande variedade dos mais saborosos e apetitosos pratos de carne. Agatha ficou tão encantada que caiu no chão, num transe profundo. Uma vizinha que entrou naquele momento se espantou ao ver Agatha imóvel no chão. Com pena, tentou despertá-la, mas foi em vão, por mais que tentasse.

10.4 Sacudiu-a e beliscou-a, mas ela continuava inconsciente. Muito assustada, a mulher correu para junto dos outros vizinhos, gritando que a pobre Agatha Shipton tinha morrido subitamente, e pediu que fossem com

ela à casa para testemunhar a verdade. Vários foram até lá e acharam que o que a mulher dizia parecia verdade.

10.5 Mas um deles, mais sensato, curvou-se e, percebendo que ela respirava, disse: "Amigos, todos estão enganados. Agatha não morreu; está em transe ou então foi enfeitiçada." Mal terminara de falar quando Agatha começou a se mexer. Pouco depois, levantou-se e gritou, num tom completamente transtornado: "O que fazem aqui, miseráveis? Não posso desfrutar dos meus prazeres sem que fiquem bisbilhotando? Vão embora; não têm nada que fazer aqui!"

10.6 Então começou a dançar, e eles se espantaram, pois não ouviam música alguma. Por fim, Agatha se virou e, vendo que ainda não tinham ido embora, disse: "Se estão decididos a me perturbar assim e não querem ir embora, eu os farei ir." Isso os assustou um pouco, pois agora acreditavam mesmo que ela era uma bruxa.

10.7 Enquanto fugiam com toda a pressa possível, um vento forte e repentino os ergueu bem alto no ar e os derrubou de volta ao chão, sem lhes causar o menor ferimento. Os homens ficaram parecidos com bodes enormes, com grandes chifres na cabeça, e as mulheres montadas em suas costas.

10.8 A visão causou espanto indescritível e, em meio à surpresa, eles não conseguiram conter uma gargalhada.

11 Essa façanha espantosa e inesperada logo se espalhou por toda a região e atraiu muita gente ao lugar onde Agatha vivia. As visitas indesejadas a deixaram tão aflita que decidiu se vingar de alguns deles, o que conseguiu

com a ajuda de Satanás. O cavalo de um deles morreu subitamente; ao abrirem o animal, encontraram anzóis e cabelo no estômago, em vez de feno e aveia.

11.2 Outro, ao sentar-se à mesa para jantar com pessoas de boa posição, achando-se muito elegante e bem arrumado, teve de repente a gola arrancada do pescoço, e em seu lugar foi colocado o assento de uma latrina.

11.3 O homem sentado ao lado caiu na gargalhada ao ver aquilo e recebeu tratamento um pouco melhor: seu chapéu desapareceu sem que ninguém o visse, e uma panela de cozinha surgiu em seu lugar.

11.4 Uma jovem e recatada dama, que estava à mesa naquela ocasião e viera apenas para ver a jovem bruxa de quem tanto se falava, olhou para aquelas duas figuras ridículas e tentou com todas as forças conter o riso, mas não conseguiu por mais de quinze minutos. Isso fez todos rirem tanto que o dono da casa se alarmou.

11.5 Querendo também participar da diversão dos convidados, subiu correndo as escadas o mais depressa que pôde. Mas, quando foi entrar pela porta, não conseguiu — e não é de admirar, pois o homem mais velho que já viveu nunca viu um par de chifres maior do que os que ele tinha na cabeça.

12 Enquanto se olhavam, quase fora de si, voltaram à mesma condição de antes. Depois, ouviu-se um barulho como se cem pessoas estivessem rindo juntas, mas não se viu absolutamente nada.

13 Essas pessoas, temendo que algo pior lhes acontecesse se ficassem por mais tempo, apressaram-se o máximo que puderam para partir. Agatha, percebendo a intenção delas, resolveu despedir-se pregando-lhes mais uma

peça. Foi assim: quando se preparavam para montar a cavalo, foram apedrejadas com maçãs podres e sujeira.

13.2 Ao atravessarem a cidade, todos os que pareciam cavalgar sozinhos foram vistos com uma velha deformada atrás de si; e, assim como os rostos delas eram diferentes uns dos outros, também eram suas roupas, todas rasgadas, esfarrapadas e remendadas com cem cores. O medo, a vergonha e as vaias do povo fizeram com que esporeassem os cavalos.

13.3 Também não pouparam o chicote nem qualquer outra coisa que pudesse acelerar os passos dos animais, de modo que se pode dizer que mais voaram do que cavalgaram.

14 Ao chegarem em casa, contaram as coisas maravilhosas que tinham visto acontecer, embora pelas mãos de uma jovem que, acreditavam, era a maior bruxa do mundo. A notícia se espalhou tanto que, por fim, chegou aos ouvidos dos juízes de paz, que então acharam que era hora de interrogar e investigar alguém de quem tanto se falava e que, se fosse deixada em paz, poderia causar muitos estragos.

14.2 Assim, enviaram dois homens fortes para buscá-la. Eles logo a encontraram e, sem se deixarem intimidar por seus feitiços, levaram-na resolutamente diante do juiz.

14.3 Ao ser apresentada, ela, sem se abalar nem um pouco, disse que tinha mais autoridade do que ele e que, apesar de todo o seu poder, podia chamar alguém capaz de dominá-lo; que era uma princesa e podia ter a seu serviço mil espíritos do ar e outros tantos da terra e da água; que podia levantar uma tempestade naquele instante, capaz de derrubar a casa dele sobre sua cabeça.

14.4 "E, para que saiba que não está em seu poder me deter, três palavras me darão a liberdade." Então ela disse: "Updraxi, chame Stygician Helluox!" Mal pronunciara a última palavra, entrou um dragão alado e horrendo, que imediatamente a ergueu e a levou para longe do juiz espantado e dos que o acompanhavam, todos quase mortos de medo.

15 Isso assustou tanto todos os que ficaram sabendo, que ninguém mais quis se meter com ela, e assim ela teve um bom tempo de sossego. Mas agora começou a ser ainda mais admirada, pois descobriram que estava grávida. As pessoas não sabiam o que pensar nem quem poderia ser o pai. Enquanto todos davam sua opinião sobre Agatha, certa vez ela foi detida e levada diante de um juiz.

15.2 Entre outras perguntas, ele quis saber se estava grávida. Ela confirmou e acrescentou que o pai não era um ser mortal. O juiz não acreditou no que ela disse, pois a considerava uma mulher ignorante e enganada. Então perguntou que fiadores ela poderia apresentar, pretendendo adiar o caso até que desse à luz.

15.3 Bem naquele instante, dois cavalheiros, a julgar por suas roupas, ofereceram-se por vontade própria. Mas, assim que foram aceitos como fiadores, desapareceram. Mesmo assim, Agatha recebeu permissão para voltar para casa.

16 Com o passar do tempo, nasceu Mãe Shipton, e isso pôs fim à vida miserável de sua mãe. Mas sua chegada ao mundo causou tanto terror em todos os que a viram que várias pessoas de confiança que estavam presentes confessaram muitas vezes nunca ter presenciado algo parecido.

16.2 Ouviram-se sons tão estranhos e horríveis que os que estavam ao redor mal encontravam coragem para permanecer no lugar; menos ainda quando viram a fisionomia estranha e sem igual da criança. Ela era tão deformada que é totalmente impossível descrevê-la por inteiro em palavras, ou retratá-la em cores, mesmo para o artista mais talentoso.

16.3 Muitas pessoas de grande habilidade nessa arte tentaram fazê-lo, mas sem sucesso. Por isso, com base nas melhores observações que fizeram dela, apresentamos este relato verdadeiro, embora incompleto, de suas feições e de seu corpo. Tinha estatura mediana, mas era muito carrancuda e de ossos grandes.

16.4 A cabeça era muito comprida, com olhos muito arregalados, mas penetrantes e faiscantes. O nariz tinha um comprimento incrível e desproporcional, cheio de curvas e desvios, e coberto de espinhas estranhas de várias cores, como vermelho e azul misturados. Como vapores de enxofre, elas brilhavam tanto que, no meio da noite, iluminavam os espectadores apavorados.

16.5 Um deles confessou várias vezes que a ama não precisava de outra luz para cumprir seus deveres. As faces eram de um tom escuro e enegrecido, como uma mistura de icterícia negra e amarela, enrugadas, ressecadas e muito fundas; tanto que se viam facilmente as costelas do corpo e a marca dos dentes, dos dois lados do rosto.

16.6 Um lado correspondia ao outro, como as reentrâncias de um vale, exceto por dois dentes que saíam inteiramente da boca, imitando as presas de um javali ou os dentes de um elefante. Algo tão estranho numa criança não tem igual em nenhuma época.

16.7 O queixo tinha a mesma cor do rosto e virava para cima a boca; ouviam-se gritos de origem desconhecida, como se houvesse uma ligação incomum entre esses gritos e seus dentes. O pescoço era tão torto que o ombro direito precisava sustentar o capuz, apoiado pelo queixo.

16.8 Assim, o lado direito do corpo ficava mais baixo que o esquerdo, como um navio adernando ao navegar com vento lateral. Além disso, o lado esquerdo estava virado para o lado oposto, como se o corpo tivesse sido torcido peça por peça e montado de forma errada; o ombro esquerdo pendia exatamente na vertical até a parte inferior das costas.

16.9 As pernas eram muito tortas e deformadas; os dedos dos pés apontavam para o lado esquerdo, de modo que seria muito difícil para qualquer pessoa adivinhar em que direção ela pretendia seguir, caso conseguisse ficar de pé, pois nunca conseguia olhar para o lado para onde decidia ir.

17 Depois de ficar aos cuidados da ama por cerca de um mês, foi entregue aos cuidados de uma mulher pobre da cidade, às custas da paróquia. Ficou com ela por cerca de meio ano, sem que a casa sofresse qualquer perturbação, até que um dia a ama saiu com alguns dos principais membros da paróquia, fosse para pedir uma contribuição para seu sustento e o de sua família, fosse para buscar dos responsáveis pelos pobres o pagamento por cuidar da criança.

17.2 Ao voltar para casa, encontrou a porta escancarada. Muito espantada e assustada, correu até a vizinha mais próxima e contou que estava arruinada: tinham arrombado sua casa e roubado tudo. O homem se levantou imediatamente da mesa, acompanhado da mulher e também de um trabalhador.

17.3 Ao se aproximarem da porta, tentaram entrar, mas, antes que todos conseguissem, ouviram no cômodo ao lado um ruído muito estranho, como um concerto de gatos. Ficaram tão assustados que correram para a porta, tentando sair, mas em vão. Quando se aproximaram, colocaram-lhes no pescoço umas cangas compridas, em forma de cruz ou catraca, de modo que não conseguiam voltar.

17.4 Enquanto lutavam e gritavam por socorro, as cangas enfim caíram, e uma vara foi colocada sobre os ombros dos homens. Nela apareceu uma velha, ora pendurada pelos calcanhares, ora pelos dedos dos pés. Essas brincadeiras duraram meia hora, e aqueles pobres homens nunca ficaram tão cansados nem tão contrariados como ao serem obrigados a participar daquela exibição.

18 Depois de se livrarem daquele novo trabalho, a casa ficou quieta. Quando recuperaram um pouco os sentidos e deram pela falta da mulher, entraram mais fundo na casa e a encontraram num cômodo onde havia um par de yarwingles em forma de cruz.

18.2 As duas mulheres foram obrigadas a segurar as quatro pontas com as mãos e dançar em círculos, uma atrás da outra, até quase morrerem de cansaço. Carregavam nos ombros um diabrete com aparência de macaco, agarrado a elas. Sempre que diminuíam o passo, os espíritos as espetavam para fazê-las andar mais rápido.

18.3 Isso continuou por bastante tempo, até que por fim desapareceram de vista, deixando aquelas pobres mulheres tão exaustas quanto espantadas. Quando perceberam que estavam livres, correram até vários vizinhos, contaram o que havia acontecido e causaram grande espanto entre eles. Imediatamente, a cidade inteira entrou em alvoroço.

18.4 O ministro e alguns dos moradores mais importantes se reuniram para decidir o que fazer. Alguns ameaçaram quem havia dado a notícia; outros acharam que estavam loucos. Por fim, resolveram ir à casa. Mas, ao se aproximarem, surgiu uma discussão sobre quem entraria primeiro. Acabaram decidindo, e o pastor, com sua congregação logo atrás, entrou pela porta, tremendo e sacudindo.

18.5 Então se ouviu subitamente um ruído como o de pessoas caminhando sobre pedras, embora a casa tivesse apenas chão de terra. Também se ouviu uma melodia muito doce, com várias notas, e logo tudo desapareceu. O ministro e os moradores entraram e revistaram a casa, mas não encontraram a criança.

18.6 Um deles olhou pela chaminé e viu o berço suspenso no ar, a quase três metros de altura, sem nenhum apoio. De algum modo igualmente estranho, o berço foi trazido de volta para baixo. Eles encorajaram a ama, deixaram-na na casa, embora assustada, e partiram.

19 Depois disso, a ama de Mãe Shipton às vezes ficava muito aflita, sem saber o que tinha acontecido com a menina durante dias seguidos. Mas, quando mais temia por ela, muitas vezes a via cair subitamente pelo telhado da casa.

19.2 Ao sair e voltar, encontrava várias vezes a criança esticada a um comprimento prodigioso, mais alta que qualquer pessoa viva; em outras ocasiões, ela estava igualmente encolhida. Na maior parte do tempo, a pobre mulher só precisava pôr em ordem o que aqueles espíritos bagunçavam pela casa.

19.3 Cadeiras e bancos viviam subindo e descendo as escadas, e eles costumavam jogar boliche com as calhas e os pratos. Às vezes, na hora do jantar, a comida desaparecia antes que ela pudesse provar um pedaço. Essas coisas afligiam muito a ama, mas divertiam Mãe Shipton, como mostravam seus sorrisos monstruosos.

19.4 De vez em quando, para acalmar a ama quando a via muito aborrecida, ela dizia: "Fique tranquila; nada aqui vai lhe fazer mal."

20 Em suma, a ama vivia tão apavorada com aquelas aparições que resolveu se queixar à paróquia. Depois que contou a verdade sobre o que havia acontecido, por compaixão daquela mulher quase enlouquecida, levaram Mãe Shipton para outro lugar, onde a mandaram à escola, pois já tinha idade para isso.

21 A essa altura, Mãe Shipton já tinha crescido e se tornado uma menina robusta. Como estava sob os cuidados da paróquia, os responsáveis trataram de lhe dar a educação comum: ensinaram-na a ler e a escrever. Ao chegar à escola, a professora começou a instruí-la como fazia com as outras crianças, começando por três ou quatro letras.

21.2 Mas, para espanto e surpresa da professora, ela pronunciou corretamente todas as letras do alfabeto sem que ninguém a ensinasse. Então a professora lhe mostrou uma cartilha, que ela leu à primeira vista tão bem quanto qualquer aluno da escola, e fez o mesmo com todos os livros que lhe mostraram.

22 Assim como isso causou espanto em sua professora, também despertou ódio e inveja em suas companheiras; algumas zombavam dela por seu nariz monstruosamente comprido, outras tentavam bater nela, e todas se esfor-

çavam para lhe fazer mal; mas ela não lhes dava importância e se vingava de cada uma que pretendia prejudicá-la.

22.2 Algumas eram beliscadas, sem que se visse mão alguma fazendo isso; outras ficavam sem fala quando estavam prestes a recitar suas lições, incapazes de dizer uma palavra; ninguém escapava de receber alguma peça cruel. Isso enfureceu tanto os pais dessas crianças, que viam a Mãe Shipton como a única responsável, que ela foi expulsa da escola e ficou entregue ao vasto mundo.

22.3 As peculiaridades da Mãe Shipton começaram então a ser comentadas por toda parte; muitas vezes, quando estava sozinha, era vista rindo de coração; em outras ocasiões, conversava consigo mesma, dizendo enigmas muito estranhos, o que levou algumas pessoas mais sensatas a falar com ela e ouvir coisas tão estranhas que era preciso estudá-las por muito tempo para descobrir seu significado.

23 Não se passava um dia sem que ela contasse algo muito notável, que exigia a mais séria consideração. Foi então que pessoas de perto e de longe acorreram até ela, pois sua fama era grande, para esclarecer suas dúvidas; todas voltavam muito satisfeitas com as explicações que ela dava às suas perguntas.

24 E agora a Mãe Shipton começava a ficar famosa no mundo por seu notável discernimento sobre as coisas futuras. Gente de todo tipo ia à sua casa, velhos e jovens, ricos e pobres, principalmente moças, que sempre desejam muito saber quando vão se casar e que tipo de maridos terão.

24.2 Ela dava respostas tão satisfatórias, tanto sobre a pessoa quanto sobre o momento, que, assim que uma moça chegava à adolescência, corria para a casa da Mãe Shipton a fim de esclarecer suas dúvidas.

24.3 Embora ela própria não fosse interesseira e recusasse grandes presentes quando lhe eram oferecidos, mantinha uma jovem criada que, se as visitantes esquecessem de abrir a bolsa, abria a boca para lhes dizer que nem a senhora Shipton nem ela podiam viver de agradecimentos: a barriga precisava de comida, e era o dinheiro que fazia a égua andar.

24.4 Certo dia, foi até lá um jovem herdeiro cujo pai estava doente, para saber por meio dela se ele viveria ou morreria; mas a Mãe Shipton não pôde ser convencida a lhe dizer coisa alguma. Então ele ofereceu muito dinheiro à criada, caso ela conseguisse persuadir a senhora a atender ao seu pedido.

24.5 A moça, ávida por dinheiro, prometeu que sim e disse que, se ele voltasse na manhã seguinte, certamente obteria uma resposta. Enquanto isso, insistiu com sua senhora usando a retórica mais astuta que conseguiu inventar; mas ela se manteve surda a todas as súplicas e não se deixou convencer.

24.6 Então a criada decidiu que, em vez de perder o dinheiro, daria ao rapaz uma resposta inventada por ela. Na manhã seguinte, cumpriu sua parte com estas palavras:—

25 “A sepultura já tem um lugar:
Prepara-te para morrer, tua hora vai chegar.”

26 Depois de receber essa resposta, o jovem foi embora muito alegre, esperando logo colher os frutos de ouro que o pai havia semeado e se tornar, num instante, dono de toda a sua imensa fortuna. Mas o que aconteceu foi bem diferente: quando chegou em casa, havia grandes esperanças de melhora para o pai, que ficava melhor a cada dia, até se recuperar por completo em pouco tempo.

26.2 Essa recuperação inesperada do velho abalou tanto o jovem herdeiro que ele logo se deitou, adoeceu gravemente e, em pouco tempo, piorou tanto que apresentava todos os sinais de um moribundo. Como não tinha outros filhos, o velho desejava muito que ele vivesse.

26.3 Para saber se o rapaz se recuperaria, mandou chamar a Mãe Shipton, que, sabendo por sua arte o que a criada havia feito, repreendeu-a severamente e ameaçou expulsá-la de seu serviço. Enquanto isso, o mensageiro chegou à casa dela e, depois de transmitir seu recado, voltou com esta resposta:—

27 "Quem pela morte alheia anseia,
A própria, inesperada, o rodeia."

28 Ao receber essa resposta, o velho ficou muito aflito, pensando que ela previa a própria morte, sem imaginar o que seu filho havia feito. Mas logo se livrou desse temor: em dois dias, o jovem morreu. Então um criado que conhecia as circunstâncias lhe contou toda a verdade.

29 Em várias outras ocasiões, quando pessoas de boa posição iam visitá-la, ela fez as seguintes profecias:

30 "Antes que a ponte Ouse e a igreja da Trindade se encontrem, construirão durante o dia, e tudo cairá à noite, até que usem a pedra mais alta da igreja da Trindade como a pedra mais baixa da ponte Ouse."

31 Isso aconteceu: a torre da igreja da Trindade, em York, foi derrubada por uma tempestade, e a ponte Ouse foi destruída por uma enchente. O que se fazia durante o dia para reparar a ponte desabava à noite, até que, por fim, usaram a pedra mais alta da torre como alicerce da ponte.

32 "Chegará um tempo em que um navio subirá o Tâmisa até chegar diante de Londres, e o capitão perguntará ao comandante do navio por que ele chora, já que fizeram uma viagem tão boa. E ele dirá: 'Que cidade boa esta foi, sem igual no mundo, e agora mal resta uma casa onde possamos pagar para beber alguma coisa.'"

33 Essas últimas palavras se confirmaram tristemente depois do terrível incêndio de Londres, em 1666, quando não restou casa alguma ao longo da margem do Tâmisa, da Torre ao Templo.

34 Por volta dessa época, surgiram desavenças entre o rei Henrique VIII e o rei da França, e grandes preparativos para a guerra foram feitos na Inglaterra. Os tambores rufavam em cada condado para convocar os voluntários a demonstrar coragem em defesa do rei e da pátria.

34.2 Muitos espíritos heroicos, que tinham a honra como objetivo e não temiam os perigos, se apresentaram; de fato, tantos marcharam sob a bandeira de Marte que aquele que tinha boa saúde e posses, mas recusava o serviço, era chamado de covarde.

34.3 Vivia então no Norte um jovem herdeiro que acabara de receber sua herança; tinha a língua toda em fogo e o coração todo em gelo: com suas palavras, mataria milhares, mas não ousava fazer nada de verdade. Alguns de seus pares o incitaram a se apresentar no campo de Marte, em vez de ficar dormindo em casa quando a fama o chamava à ação.

34.4 Sem saber o que fazer, não queria perder sua vida tão querida; mas, até para um covarde, ser acusado de covardia é a coisa mais detestável. Por isso, prometeu que ninguém estaria mais disposto do que ele a derramar o

sangue pela pátria que lhe dera a vida; ainda assim, resolveu não dar um passo nesse caminho perigoso antes de consultar a Mãe Shipton sobre o êxito que teria em sua jornada.

34.5 Se a resposta fosse ruim, pretendia escapar fingindo estar doente, pois não lhe parecia uma boa estratégia um homem abrir mão num instante da vida que tantos anos e cuidados custaram para criar.

35 Por isso, ele se apressou em ir à nossa profetisa do Norte, contou-lhe sua situação e pediu com muita insistência que ela, a quem nada se escondia, lhe revelasse se a sorte, boa ou má, o acompanharia nessa expedição. Embora a Mãe Shipton percebesse que a coragem acanhada dele estava muito longe da de um soldado, ela já sabia o que aconteceria e lhe deu a seguinte resposta. Sem mais demora, isso o convenceu plenamente a partir e cumprir o que havia prometido.

36 "Quando o Leão inglês pousar a pata na costa da Gália, os Lírios começarão a murchar de medo. Haverá muito choro e lamento entre as damas daquele país, pois a Águia principesca se unirá ao Leão para esmagar todos os que se opuserem a eles. E, embora muitos arqueiros apareçam para defender os Lírios, não prevalecerão, pois o animal lento do Norte os confundirá e, embora não queira, lhes causará grande vergonha. Então o Pavão mitrado começará a se pavonear; por algum tempo, sua cauda fará grande figura no mundo, mas depois desaparecerá, e sua honra se reduzirá a nada. Seu fim virá em Kingston."

37 Explicação.

38 Com o "Leão inglês" queria-se dizer o rei da Inglaterra; e pousar sua "pata na costa da Gália" significava o desembarque de seu exército na França. O "Lírio começando a murchar de medo" anunciava a grande aflição e perplexidade dos franceses, pois os Lírios eram o brasão da França.

38.2 O "choro e lamento entre as damas daquele país" indicava as misérias e a destruição que acompanham a guerra. A "Águia principesca que se une ao Leão e esmaga todos os que se opuserem a eles" era o imperador da Alemanha, cujo brasão era a Águia; ele se aliou ao rei Henrique e o ajudou em suas guerras.

38.3 Os "arqueiros que apareceram em defesa dos Lírios" eram a cavalaria francesa, a principal força da França, formada por cavaleiros que pareciam arqueiros, isto é, metade homens e metade cavalos.

38.4 E, quanto à previsão de que "não prevaleceriam", foi exatamente o que aconteceu: apesar de toda a resistência dos exércitos franceses, o rei Henrique avançou com vigor, conquistando e tomando várias cidades importantes.

38.5 Mas voltemos ao que mais importa aqui: o êxito do jovem herdeiro em sua expedição, anunciado nestas palavras: "Pois o animal lento do Norte os confundirá e, embora não queira, lhes causará grande vergonha." O animal lento do Norte era aquele soldado de água doce, que, conforme a profecia, confundiu os franceses e lhes causou grande vergonha.

38.6 Ao cruzar o mar com o rei Henrique, montado num belo cavalo, ele estava à frente da batalha quando os dois exércitos se encontraram. Pouco antes do ataque, alguém atingiu seu cavalo, que o levou contra o inimigo com tanta violência que desorganizou um pouco a linha de frente.

38.7 Ao perceber isso, nossos homens logo o apoiaram, e os franceses fugiram, deixando aos ingleses uma vitória gloriosa, conquistada com poucas perdas.

39 Assim se cumpriram as previsões da Mãe Shipton, para desgraça dos franceses e grande louvor do jovem cavalheiro. A interpretação do restante da profecia é a seguinte:—

40 Com o "Pavão mitrado" queria-se dizer o cardeal Wolsey, representado por essa ave por causa de seu grande orgulho. Embora fosse apenas filho de um pobre açougueiro de Ipswich, em Suffolk, chegou a uma posição tão elevada que se julgava superior aos principais nobres do reino e vivia com um esplendor sem igual, como dizia a nova profecia: "sua cauda fará grande figura no mundo".

40.2 E, quanto à previsão de que "o pavão começaria a se pavonear", foi isso que aconteceu: quando o rei Henrique tomou a cidade de Tournai, na França, nomeou Wolsey bispo dali. Pouco depois, ele alcançou o mais alto grau de honra a que um súdito podia chegar. Mais tarde, como diz a profecia, "desapareceu, e sua grande honra se reduziu a nada".

40.3 Por fim, quanto à previsão de que ele "teria seu fim em Kingston", ao saber dela, o cardeal nunca mais quis passar pela cidade de Kingston, embora ela ficasse exatamente no caminho entre sua casa e a corte.

40.4 Mais tarde, quando foi preso por alta traição pelo conde de Northumberland e Sir Anthony Kingston, tenente da Torre, foi o próprio nome deste último, ao fazê-lo lembrar-se da profecia, que encheu seu coração de tanto terror que ele morreu pouco depois.

41 Mãe Shipton já tinha fama, de longe e de perto, de mulher astuta, ou mulher de visão, e suas palavras eram tidas como oráculos. Não era visitada apenas por pessoas comuns: gente da mais alta posição também a consultava. Entre essas pessoas estava, na época, o cardeal Wolsey. Quando se espalhou que ele pretendia morar em York, ela disse publicamente: “Ele nunca chegará lá.”

41.2 Ao saber disso e ficar ofendido, ele mandou três lordes procurá-la. Eles foram disfarçados até Dringhouses, perto de York; deixaram os criados para trás, contrataram um guia até a casa de Mãe Shipton e bateram à porta. De dentro, ela chamou: “Entrem, senhor Besley (o guia), e os nobres lordes que estão com você.” Eles se espantaram que ela os reconhecesse.

41.3 Quando entraram, ela chamou cada um pelo nome e os serviu com cerveja e bolos. Então um dos lordes disse: “Se soubesse o motivo de nossa visita, não nos receberia com tanta gentileza. Você disse que o cardeal nunca veria York.”

41.4 “Não”, respondeu ela. “Eu disse que ele poderia ver York, mas nunca chegar até lá.” “Pois bem”, disseram os lordes, “quando ele chegar, você será queimada.” Ela então tirou da cabeça o lenço de linho e disse: “Se isto queimar...” Em seguida, atirou-o ao fogo, mas ele não queimou. Depois de ficar nas chamas por quinze minutos, ela o tirou, sem sequer chamuscá-lo.

41.5 Um dos lordes perguntou então o que ela pensava dele. “Meu lorde, chegará o dia em que sua senhoria estará tão rebaixada quanto eu, e isso é muito baixo.” E foi o que aconteceu: pouco depois, ele foi decapitado.

42 A previsão sobre o cardeal também se confirmou. Ao chegar a Cawood, ele subiu ao alto da torre e perguntou onde ficava York. Quando lhe mostraram a cidade, quis saber a que distância estava.

42.2 “Pois”, disse ele, “uma bruxa disse que eu nunca veria York.” “Não”, respondeu alguém que estava ali. “Vossa Eminência foi mal informado: ela disse que o senhor poderia vê-la, mas nunca chegar até lá.” Então ele jurou queimá-la quando chegasse à cidade, que ficava a apenas oito milhas dali. Mas, vejam só: o rei mandou chamá-lo de volta imediatamente, e ele nunca retornou.

43 Como a previsão de Mãe Shipton se cumpriu tão claramente, sua fama se espalhou muito mais. Muitos que antes a julgavam uma mulher de ideias confusas começaram a admirá-la e a considerar suas palavras oráculos.

43.2 Como os ingleses preferem saber o que está por vir a tentar corrigir o que foi feito de errado, a maioria dos que a visitavam queria apenas descobrir o que ela sabia que aconteceria. Entre eles estava o abade de Beverley, que temia a queda das casas religiosas e uma mudança na religião então professada. Disfarçado, foi à casa de Mãe Shipton e bateu à porta.

43.3 Ela estava lá dentro e o chamou: “Entre, senhor abade. O senhor não está tão bem disfarçado que não se veja a raposa por baixo da pele de cordeiro. Pegue um banco e sente-se, pois não irá embora sem saber o que deseja.” Então ela começou a proferir suas profecias assim:—

44 “Quando a vaca se casar com o touro,
Ai, sacerdote, cuide do seu crânio!
E quando caírem os arbustos menores,
Logo cairão também as grandes árvores.
O pavão mitrado, em seu orgulho altivo,
Será um guia para o seu senhor.
E uma grande corte fará acontecer

O que rei algum jamais fez.
Os pobres lamentarão ao ver esse dia,
E quem festejava terá de jejuar e rezar.
O destino assim decretou sua ruína:
A riqueza trouxe o orgulho, e o orgulho, a desgraça."

45 Estas profecias foram explicadas assim: a "Vaca" representava o rei Henrique, por causa do condado de Richmond, que herdara; e o "Touro" representava Ana Bolena, com quem o rei se casou no lugar da rainha Catarina. O pai dela tinha como emblema a cabeça de um touro negro.

45.2 Quando o rei se casou com a rainha Ana, cumpriu-se então o segundo verso da profecia: "Ai, sacerdote, cuide do seu crânio!", pois muitos sacerdotes, religiosos e seculares, perderam a cabeça por infringir as leis criadas para levar esse plano adiante.

46 O cardeal Wolsey era o "Pavão mitrado". No auge do orgulho e da ambição, pretendia fundar duas faculdades: uma em Ipswich, onde nasceu, e outra em Oxford, onde estudou. Como não podia custear as fundações sozinho, obteve do papa Clemente VII licença para extinguir quarenta pequenos mosteiros na Inglaterra e destinar as antigas terras deles às novas instituições.

46.2 Assim se fez, e os pobres que viviam nesses lugares foram expulsos. Muitos clérigos se opuseram muito à ação de Wolsey, especialmente John Fisher, bispo de Rochester.

46.3 Para explicar o motivo, ele contou uma fábula de Esopo: "A cabeça de ferro do machado pediu um cabo feito da madeira dos carvalhos, só para cortar os galhos das árvores; mas, quando o machado ficou completo,

derrubou toda a mata." Com isso, queria dizer que extinguir aquelas casas menores levaria à destruição de todas as outras, como de fato aconteceu.

46.4 Ao ver que o poder do cardeal chegava a derrubar aqueles arbustos menores, o rei Henrique pensou que sua prerrogativa também poderia derrubar as grandes árvores. Pouco depois, dissolveu o priorado de Christ Church, perto de Aldgate, em Londres, hoje conhecido como Duke's Place.

46.5 Era o priorado mais rico em terras e ornamentos de Londres e Middlesex, e sua dissolução foi o prenúncio da extinção dos demais, que ocorreu não muito tempo depois.

47 A "Grande Corte" significa o Parlamento, a mais alta corte da Inglaterra. No vigésimo sétimo ano do reinado do rei Henrique, para sustentar o poder do rei e suprir suas necessidades, o Parlamento transferiu à Coroa todas as casas religiosas que não conseguiam gastar claramente mais de duzentas libras por ano. Pouco depois, as maiores tiveram o mesmo destino das menores, algo que nenhum rei anterior havia feito, embora tivesse tentado.

48 Com a dissolução dessas casas, milhares de pessoas foram lançadas ao mundo para buscar o próprio sustento e ficaram totalmente expostas à necessidade. Quando a vida monástica deixou de vir acompanhada de bens, muitos jovens acabaram como velhos mendigos, e muitos foram obrigados a passar fome por falta de comida, embora antes tivessem tudo posto à sua disposição.

49 Sem dúvida, a grande riqueza e o orgulho dos monges e frades foram a principal causa de sua ruína. Qualquer que fosse o pretexto, não há dúvida de que o interesse financeiro foi a corda que derrubou essas casas religiosas.

50 Tudo isso aconteceu antes da morte do abade e fez com que ele tivesse grande estima por Mãe Shipton e valorizasse suas profecias acima de simples conjecturas. No início, contudo, ele não conseguia entender o que fazer com seus versos ambíguos.

50.2 Como os oráculos pronunciados em Delfos, eles mais o levavam a um labirinto de conjecturas confusas do que satisfaziam suas expectativas, até que o tempo desvendasse os enigmas. O que antes parecia tão difícil agora se mostrava fácil de compreender.

50.3 Mesmo assim, naquele momento ele agradeceu gentilmente a Mãe Shipton e recompensou generosamente sua criada, admirado por ela ter sido perspicaz o bastante para enxergar através de seu disfarce. Decidido a consultá-la depois sobre acontecimentos futuros, despediu-se dela solenemente e voltou para casa.

51 O abade mal havia chegado em casa quando sua abadia recebeu a visita de um agente enviado por lorde Cromwell para esse fim. Percebendo o que aquela visita significava, o abade achou que não seria prudente lutar contra a corrente e, por isso, entregou tranquilamente seu mosteiro ao rei.

51.2 Agora, vendo as profecias de Mãe Shipton se cumprirem claramente na queda daquelas casas, que muitos julgavam inexpugnáveis diante de todo ataque da malícia e do tempo, e considerando a estranha transformação ocorrida em tão pouco tempo, ele desejava muito saber mais sobre o futuro. Com essa intenção, voltou à casa de Mãe Shipton.

51.3 Dessa vez, falou com ela com mais familiaridade e se deu a conhecer sem rodeios. Contou que, como os fatos haviam comprovado a verdade do que ela dissera antes, seu julgamento lhe dizia que ela também conhecia o

que ainda estava por acontecer. Por isso, pediu que não hesitasse em lhe revelar o que sabia do futuro.

51.4 Embora ele não tivesse como merecer tão grande favor, disse que nunca lhe faltariam palavras gratas para reconhecê-lo nem um coração agradecido por tamanha bondade.

52 "Senhor abade", disse ela, "pare de me fazer elogios. Isso fica melhor para cortesãos e namorados, e não combina com uma velha que não bajula ninguém nem aceita ser bajulada. Quanto ao motivo de sua visita, não vou me esquivar de atender ao seu pedido. Peço, então, que me escute." Depois de uma breve pausa, ela começou assim—

53 "Um príncipe que nunca nascerá
Fará os tonsurados desolados;
Então o povo pegará em armas,
E a malícia de uma mulher causará muitos danos."

54 Esses versos profetizam os acontecimentos do reinado do rei Eduardo. Para benefício do leitor, vamos explicar seu sentido à parte, para não sobrecarregar sua memória e, ao mesmo tempo, tornar a leitura mais agradável com essa variedade.

55 O "Príncipe que nunca nascerá" é o rei Eduardo VI. Todos os relatos concordam que ele não veio ao mundo por um parto natural: abriram o corpo de sua mãe para que ele nascesse, e ela morreu em consequência da operação, quatro dias depois. Os "tonsurados" são os monges, frades e outros religiosos, que, segundo a profecia, ficariam "desolados"; a Reforma começou com o início do reinado do rei Eduardo.

56 O rei Eduardo publicou certas ordens para reformar a religião. Quando os comissários percorriam vários lugares para implantá-las, foram muito ridicularizados. Quanto mais se afastavam de Londres, mais incivilizado era o povo e maior se tornava a insolência e o desprezo. Na Cornualha, o povo se reuniu e matou um dos comissários.

56.2 Embora os responsáveis tenham sido punidos — os principais foram executados em diferentes lugares —, essa severidade não conseguiu conter sua ousadia, e a revolta se espalhou ainda mais. Em Wiltshire e Somersetshire, o povo, supondo que uma república não poderia existir sem terras comuns, derrubou cercas e deixou parques e campos desprotegidos.

56.3 Revoltas semelhantes ocorreram em Suffolk, Hampshire, Kent, Gloucestershire, Warwickshire e Rutlandshire, mas as maiores foram em Devonshire e Norfolk.

57 “Uma dama virtuosa morrerá,
Por ter sido elevada alto demais;
Sua morte dará alegria a outra,
Que causará grande dano ao reino.
Mitras subirão, mitras cairão,
E rios de sangue afogarão Smithfield.
A Inglaterra se aliará à Espanha,
Aliança que alguns tentarão impedir em vão.
A leoa deixará a vida,
E o sacerdote pontifício morrerá.”

58 Lady Jane Gray assumiu para si o título de rainha e, por esse delito, perdeu a cabeça. Era uma mulher de qualidades raras e incomparáveis. Além de sua beleza extraordinária, era um exemplo em sua época por sua religião

e educação, pelo conhecimento das ciências liberais e pela habilidade com idiomas. Superava em muito todas as outras mulheres de sua idade.

59 A morte de Lady Jane foi considerada motivo de alegria para a rainha Maria. Ao restaurar o catolicismo e perseguir os que professavam o Evangelho durante seu reinado, diz-se que ela causou grande dano ao reino.

60 As "Mitras" representam os bispos, que sofreram grandes mudanças com a mudança de religião. Pouquíssimos conservaram os cargos que haviam recebido do rei Eduardo VI.

61 Foi grande o número de mártires queimados em Smithfield durante o reinado desta rainha, pelas mãos cruéis de Bonner, bispo de Londres, e do Dr. Story, deão de St. Paul's: o primeiro perseguia em massa, o segundo, um por um. Seria longo demais enumerar aqui os nomes de todos os que, naquele lugar, deram testemunho de sua fé perdendo a vida. Os principais foram o sr. John Rogers, o sr. John Bradford, o sr. Robert Glover etc.

62 A rainha Mary pretendia se casar com Filipe, rei da Espanha. Quando a notícia se espalhou entre o povo, foi mal recebida, pois as pessoas temiam ficar sob o jugo de um estrangeiro. Mas tudo foi em vão, pois pouco depois eles se casaram, para consternação dos ingleses.

63 A "Leoa" é a rainha Mary, que, depois de reinar por cinco anos e alguns meses, morreu de hidropisia.

64 O "sacerdote pontifício" é o cardeal Pole, que morreu poucas horas depois da rainha Mary. Esse prelado era de linhagem principesca: sua mãe, Margret, era filha de George, duque de Clarence. Quando jovem, foi criado junto com a rainha Mary. Como era um católico fervoroso, durante o reinado do rei Edward sofreu exílio voluntário por causa de sua fé.

64.2 Quando se acertou o casamento entre o príncipe Filipe e a rainha Mary, ele voltou à Inglaterra e foi nomeado arcebispo de Canterbury. Mas era mais moderado que alguns de seus colegas bispos e tinha uma atitude favorável aos protestantes.

65 "Morta e já partida a Leoa feroz,
Logo reinará uma Rainha donzela.
O poder papal não terá domínio,
O credo de Roma será varrido.
Os cavalos de madeira do monarca do oeste
Serão destruídos pelas forças de Drake.
Mais maravilhas ainda! Uma Rainha viúva
Será vista sem cabeça na Inglaterra.
A Harpa soará melhor.
Um conde será achado sem cabeça.
Logo depois, a Rosa inglesa
Cederá seu lugar a um homem."

66 Estes versos profetizam os acontecimentos mais notáveis do reinado da rainha Elizabeth e devem ser interpretados da seguinte maneira:

67 Aqui se fala da rainha Mary, não tanto pela crueldade que ela praticou, mas pela dos bispos e sacerdotes que serviam sob seu governo. Por causa do sangue derramado e das perseguições sofridas naquele tempo, ela é chamada de "Leoa" feroz. Em seguida, diz-se: "Logo reinará uma Rainha donzela", uma referência à rainha Elizabeth, que foi o modelo de sua época e de seu sexo.

67.2 Por mais de quarenta anos, ela governou este reino. Quando começou, tinha poucos amigos que ousassem ajudá-la; quando morreu, não deixou inimigos capazes de lhe fazer mal. Desempenhou tão bem seu papel durante o reinado que a história dificilmente pode apontar outro soberano que se iguale à sua fama em tantos aspectos importantes.

68 Pouco depois de a rainha subir ao trono, começou um Parlamento em Westminster. Nele foram renovadas as leis do rei Henry VIII contra a Sé de "Roma" e restabelecidas as leis do rei Edward VI em favor dos protestantes; as leis que a rainha Mary havia criado contra eles foram revogadas.

69 Foram estabelecidas a uniformidade das orações e da administração dos sacramentos, e a rainha foi reconhecida como a única e suprema governante de seu reino. Em cada lugar, o povo derrubou imagens e figuras supersticiosas que um zelo mal orientado havia instalado.

70 Os "cavalos de madeira do monarca do oeste" são a grande Armada do rei da Espanha, chamada por eles de invencível, embora seu resultado não tenha feito jus ao nome. Sir Francis Drake e outros combateram-na e a derrotaram de fato. A maior parte afundou; o restante, desamparado e disperso, foi perseguido por nossos navios até as águas do norte e ali abandonado à fome e ao frio. Foi uma vitória tão extraordinária que nem o tempo nem a idade jamais apagarão sua lembrança.

71 A "Rainha viúva" é a rainha dos escoceses, mãe do rei James, que foi decapitada no castelo de Fotheringhay. Alguns dizem que Elizabeth sabia disso; outros, que a execução ocorreu contra sua vontade.

71.2 Era uma senhora de inteligência aguçada, espírito destemido, porte gracioso, rosto belo e presença majestosa; oradora fluente e excelente poetisa, como mostram várias obras suas que ainda existem. Foi decapitada em 8 de fevereiro de 1587 e primeiro sepultada no coro da catedral de Peterborough.

71.3 Mais tarde, seu filho, o rei James, transferiu solenemente seus restos mortais para Westminster, onde ergueu um majestoso monumento em sua memória, no lado sul da capela do rei Henry VII.

72 A "Harpa" representa a Irlanda, pois é o brasão daquele país. Quando a rainha Elizabeth a submeteu a uma obediência maior, fez a Harpa soar melhor: isto é, tornou a Irlanda mais civilizada e mais lucrativa para o tesouro do que jamais fora.

73 "Um conde será achado sem cabeça." Isso se referia ao conde de Essex, favorito da rainha e querido do povo — duas coisas que raramente andam juntas. Ainda assim, nem a rainha nem o povo puderam livrá-lo do cadafalso, onde perdeu a cabeça.

74 A "Rosa inglesa" é a rainha Elizabeth, como dissemos antes. Com sua morte, o direito e o título à coroa passaram a James VI, rei da Escócia, descendente direto de Margaret, filha mais velha do rei Henry VII. A linhagem masculina se extinguiu com a morte da rainha Elizabeth.

74.2 Aqui convém lembrar a estratégia do rei Henry VII: ele tinha duas filhas; casou a mais velha com o rei da Escócia e a mais nova com o rei da França, para que, se sua linhagem masculina acabasse, como de fato aconteceu, a Escócia pudesse ficar subordinada à Inglaterra, reino maior, em vez de a Inglaterra ficar subordinada à França, reino menor.

74.3 Ademais, havia uma antiga profecia que anunciava a ascensão do rei James ao trono inglês. Quando o rei Edward I devastou a Escócia, trouxe de lá, entre outras coisas, a cadeira real dos escoceses, ainda preservada na Abadia de Westminster. Nessa cadeira estavam escritos estes versos:

75 "Se o destino se cumprir, onde quer que esta cadeira esteja,
A linhagem real dos escoceses governará esse lugar."

76 A coroação do rei James ali realizada confirmou as palavras da profecia.

77 "O Leão do Norte além do Tweed,
A Rainha donzela sucederá,
E unirá dois Estados poderosos;
Então Janus fechará seus portões.
O poder do Inferno, com golpe fatal,
Tentará derrubar a terra,
Mas, por engano, será derrotado,
E cabeças rolarão dos ombros.
Depois, a Oliveira britânica se entrelaçará
Em casamento com a Videira alemã."

78 Em seguida vêm os acontecimentos notáveis do reinado do rei James, anunciados nos versos anteriores e explicados da seguinte maneira:

79 O "Leão do Norte" é o rei James, e a "Rainha donzela" é a rainha Elizabeth. Sendo rei da Escócia, James sucedeu Elizabeth no trono inglês, unindo assim as duas nações, Inglaterra e Escócia, união que já havia sido tentada muitas vezes.

80 Os versos “O poder do Inferno” etc. referem-se à Conspiração da Pólvora, que planejava explodir o Parlamento com pólvora. O rei, os príncipes, os pares, os bispos, os juízes, os cavaleiros e os representantes do povo seriam todos mortos.

80.2 Para realizar o plano, alugaram um porão sob o Parlamento e guardaram ali trinta e seis barris de pólvora, além de várias barras de ferro, para aumentar a força da explosão. Tudo foi coberto com lenha e carvão. O dia marcado para executar o plano foi 5 de novembro, data da primeira sessão do Parlamento.

80.3 Mas a Providência determinou o contrário: aqueles que planejavam fazer mal acabariam sofrendo as consequências. Na noite anterior, Lord Monteagle recebeu de uma pessoa desconhecida uma carta estranha, sem data nem assinatura. Quando foi aberta, ainda estava selada.

80.4 A carta chegou ao rei, que ordenou uma busca nos cômodos sob o Parlamento; logo se descobriu o mistério da iniquidade. Alguns traidores foram presos em Londres, outros no interior. A justiça os alcançou, e eles se tornaram exemplos: provaram do cálice que pretendiam fazer outros beber.

81 A “Oliveira britânica” é Lady Elizabeth, filha do rei James; a “Videira alemã” é o ilustre príncipe Frederic, conde Palatino do Reno. Lady Elizabeth possuía todos os dons do corpo e da mente que fazem uma princesa completa e era muito querida pelos ingleses, pois merecia a estima de todos. Eles se casaram com grande solenidade em Westminster, em 14 de fevereiro de 1602.

82 Depois de chegar até aqui com suas profecias, Mother Shipton parou subitamente, soltando um profundo suspiro. As lágrimas escorriam por suas faces, e ela torcia as mãos, como se lhe tivesse acontecido alguma desgraça extraordinária.

82.2 O abade ficou muito intrigado com a causa daquela mudança súbita, pois até então observara uma serenidade constante em seu rosto, e agora ela irrompia em tais exclamações. Por isso, disse a ela: "Mother Shipton, só algum acontecimento extraordinário poderia ter levado a senhora a essa emoção repentina. Se isso não lhe causar incômodo, peço que, assim como até agora a senhora não hesitou em me revelar os segredos que tanto me maravilharam e espantaram, não interrompa tão bruscamente, deixando-me sem saber a causa de sua tristeza."

82.3 "Ah, senhor abade", disse ela, "quem pode repetir de olhos secos o que está para acontecer, ou sequer pensar nisso sem o coração cheio de angústia? Ver a virtude pisoteada e o vício exaltado; mendigos a cavalo e príncipes a pé; os inocentes condenados e os sanguinários impunes. Mas, como minha promessa me obriga a atender ao seu pedido, continuarei de onde parei:"

83 "A coroa então cingirá a cabeça do Rei Branco,
Que logo se casará com os Lírios;
Então, uma faca sangrenta de camponês
Tirará a vida de um grande homem.
Do Norte virá soprando a desgraça,
E o diabrete inglês se juntará a ela.
Então se reunirá o grande Conselho,

Que fará grandes e pequenos tremerem.
O Rei Branco então — que dor ver! —
Será assassinado por mãos perversas."

84 O "Rei Branco" é o rei Charles I. Ele recebeu esse nome não só pela pureza e retidão de sua vida, simbolizadas pela cor branca, mas também porque vestia branco na coroação. Antes da morte do rei James, havia se casado com Lady Henrietta Maria, filha de Henry IV, rei da França. Por isso se diz aqui que ele se casaria com os "Lírios", símbolo da França.

85 O "grande homem" que perderia a vida por uma faca sangrenta era o duque de Buckingham, o homem mais favorecido daqueles tempos e, como costuma acontecer, o mais odiado pelo povo, que o culpava por todos os fracassos do governo.

85.2 Nomeado general para socorrer La Rochelle, então cercada pelas tropas francesas, foi esfaqueado por Felton, um oficial de seu exército, quando se preparava para embarcar em Portsmouth. Felton não fugiu, embora pudesse ter escapado sem ser descoberto; pelo contrário, declarou corajosamente que fora ele quem cometera o crime. Foi enforcado em correntes em Portsmouth, no ano de 1627.

86 A parte seguinte da profecia alude ao antigo provérbio: "Do frio Norte vêm todos os males." Pode ser entendida como referência aos nossos conflitos, que começaram em 1630, tiveram origem na Escócia e foram alimentados por vários grupos facciosos na Inglaterra. O veneno dessa discórdia contaminou de tal modo os ingleses que irrompeu uma guerra terrível, que só terminou depois da morte de muitos milhares de pessoas.

87 O "grande Conselho" é o Parlamento de longa duração, conhecido por todas as gerações futuras por seus feitos notáveis. Por suas mãos caíram o sábio Strafford e o reverendo Laud. Ele votou pela abolição do episcopado e pela adoção do presbiterianismo; rejeitou o livro de orações comuns e promoveu o Diretório; virou a Igreja e o Estado de cabeça para baixo. Mas isso não se pode dizer de todos os seus membros: muitos odiavam o que era feito, discordavam e sofreram por isso.

88 O "Rei Branco por mãos perversas" etc. alude à decapitação do rei Carlos I, principal vítima dessas guerras brutais.

89 "Morto o Rei Branco, o Lobo então
Com sangue ocupará a toca do Leão.
Mas a Morte o levará embora;
A confusão dominará por algum tempo;
Mas o Destino devolverá à Inglaterra
Um rei para reinar como outrora.
Haverá grande mortandade em Londres,
E homens andarão sobre os telhados."

90 Pelo "Rei Branco", como dissemos antes, entende-se o rei Carlos I; e pelo "Lobo", Oliver Cromwell, cuja ambição era tamanha que não deixou de tentar nada até entrar na "toca do Leão", isto é, até alcançar o governo absoluto.

91 "Mas a Morte o levará embora."

92 Foi muito notável o dia em que o Protetor morreu, 3 de setembro de 1658: o vento soprou tão forte que derrubou muitas casas, arrancou muitas árvores pela raiz, fez chaminés desabarem e destelhou celeiros e estábulos.

Mas não há vento tão ruim que não traga algum bem: apesar de todo o estrago que causou, esse vento compensou algumas pessoas que haviam perdido seus bens nas guerras civis, levando Oliver para longe.

93 "Mas o Destino devolverá à Inglaterra
Um rei para reinar como outrora."

94 Essa parte da profecia se cumpriu com a restauração do rei Carlos II, que pôs fim a toda a República e devolveu ao país seu antigo governo.

95 "Grande mortandade em Londres" se confirmou com a grande peste que atingiu Londres em 1665, a maior em número de mortos conhecida nestes últimos séculos.

96 "E homens andarão sobre os telhados." Isso se cumpriu de repente no grande incêndio que ocorreu em Londres nos dias 2, 3 e 4 de setembro de 1666. Muitas casas foram destruídas, e depois os homens andaram sobre os telhados daquelas casas em ruínas, cujas altas construções pouco antes pareciam desafiar o céu.

97 Note-se que algumas das profecias seguintes de Mãe Shipton dizem respeito ao presente, enquanto outras tratam mais diretamente do futuro. Deixamos sua interpretação a cargo do leitor:—

98 I.
A terra será arada com espadas,
E o sangue se misturará ao mar.

99 II.
Assim que passar o ano ardente,
A paz voltará finalmente.

100 III.

Grandes acidentes tomarão conta do mundo,
E carruagens sem cavalos andarão;
Enquanto, num piscar de olhos,
Nossos pensamentos voarão pelo mundo.

101 IV.

Na Inglaterra, agora acontecerá
Que uma casa de vidro se construirá.

102 V.

Estado contra Estado, em luta mortal,
Lutarão e buscarão a morte um do outro;
Então, quando o Norte se separar do Sul,
A Águia fará seu ninho na boca do Leão.

103 VI.

A França verá três governantes tiranos,
Cada qual de uma dinastia diferente.
Mas, terminada a grande luta,
França e Inglaterra serão uma só.

104 VII.

Na água o ferro flutuará,
Tal como agora um barco de madeira.
A água fará maravilhas ainda maiores,
E a Inglaterra ainda acolherá um judeu.

105 VIII.

Ouro e riquezas serão descobertos
Numa terra que hoje não se conhece.

106 IX.

Debaixo dos rios o homem caminhará,
Andará, dormirá e conversará.

107 X.

Um rio e uma cidade pegarão fogo.

108 A notável profecia a seguir, conhecida como "Profecias de Mãe Shipton", foi publicada pela primeira vez em 1448 e republicada em 1641. Veremos que os acontecimentos previstos nela se cumpriram, exceto o que dizem os dois últimos versos, que ainda pertence ao futuro.

109 XI.

Sobre um mar selvagem e tempestuoso,
Um nobre navegará,
E não deixará de encontrar
Uma terra nova e formosa.
De lá trará
Uma erva e uma raiz
Que a todos servirão
E agradarão ao lavrador e ao rei.
E que não tomem mais do que lhes cabe.
Ambos terão o mesmo prazer.
O mundo chegará ao fim
Em mil oitocentos e oitenta e um.

110 Seguem outras profecias que Mãe Shipton declarou em diferentes momentos de sua vida a várias pessoas:—

111 A primeira entrada do Rei dos Escoceses (Jaime I) será em Holgate Town, mas ele não passará pelo portão. E, quando o Rei do Norte estiver na Ponte de Londres, sua cauda estará em Edimburgo.

112 Isso se cumpriu da seguinte maneira: quando o rei Jaime chegou, havia tanta gente no portão de Holgate para vê-lo que, para evitar o perigo de ser esmagado pela multidão, ele teve de seguir por outro caminho. Quando o rei Jaime estava em Londres, seus filhos estavam em Edimburgo, preparando-se para vir à Inglaterra.

113 A água passará por cima da Ponte Ouse, e um moinho de vento será instalado numa Torre, e um olmo ficará à porta de cada homem. Naquele dia, as mulheres usarão chapéus grandes e grandes faixas.

114 Isso se confirmou quando a água foi levada às ruas de York por meio de olmos perfurados; e a casa do aqueduto tinha um moinho de vento no alto, que puxava a água para cima.

115 Quando houver um Lord Mayor morando no pátio da Catedral de York, que ele tome cuidado com uma facada.

116 Um Lord Mayor cuja casa ficava no pátio da Catedral foi esfaqueado por um assassino em três lugares, e isso causou sua morte.

117 Quando dois Cavaleiros brigarem no pátio do Castelo de York, nunca mais viverão em harmonia pelo resto da vida.

118 Sir Thomas Wentworth e Sir John Savile brigaram ao escolher Cavaleiros para o condado no pátio do Castelo de York e nunca mais se reconciliaram de verdade.

119 Quando toda a mata de Colton tiver dado colheitas e cereais por sete anos, sete anos depois vocês ouvirão notícias.

120 No tempo de Mãe Shipton, Colton era uma área de mata cheia de árvores. Algum tempo depois de sua morte, foi cultivada e deu colheitas e cereais por sete anos; e os sete anos seguintes foram o ano da chegada dos escoceses e da tomada de Newcastle por eles.

121 Vocês terão um ano de fome debilitante e, depois, uma escassez sem cereais. Não saberão da guerra na noite anterior, mas a terão pela manhã; e, quando vier, durará três anos.

122 Entre Calder e Aire
Haverá grande guerra,
Quando o mundo inteiro estiver em alvoroço,
E o lugar será chamado Campo de Cristo.

123 Calder e Aire são dois rios de Yorkshire; e esta profecia se refere à Guerra Civil do tempo de Carlos I.

124 Quando a batalha da guerra começar, será onde Ricardo Corcunda travou sua luta.

125 Foi perto de Leicester que Ricardo III morreu em batalha. Ali, o coronel Hastings foi um dos primeiros a pegar em armas no início da guerra civil. Ou pode-se entender assim: como o rei Ricardo iniciou sua marcha de Nottingham quando partiu pela primeira vez contra o conde de Rich-

mond, também essas guerras começariam dali. De fato, em Nottingham, em 25 de agosto de 1640, Carlos I ergueu seu estandarte e o manteve ali sem grande resultado.

126 Dirão que se deve ir à guerra pelo seu Rei por meia coroa por dia, mas não se mexam. Dirão que se deve ir à guerra pelo seu Rei sob pena de enforcamento,
mas não se mexam.

127 Na época da Guerra Civil, em 1642, muitos lordes prometeram dois xelins e seis pence por dia a cada cavaleiro que se juntasse ao serviço do Rei.

128 Pois quem for fazer queixa
Não voltará mais.

129 Parece que isso se refere aos galeses e irlandeses que serviram ao Rei, pois pouquíssimos conseguiram voltar à sua terra.

130 As profecias seguintes de Mãe Shipton (extraídas da coletânea de Lilly, com seus comentários), por serem um tanto peculiares na forma, ficam a cargo do leitor decifrar.

131 (a) Haverá uma grande batalha entre a Inglaterra e a Escócia, e farão as pazes por algum tempo; quando chegarem a (b)
Bramma-moore, lutarão e farão as pazes outra vez por algum tempo. Depois haverá uma grande batalha entre a Inglaterra e a Escócia em (c)
Knavesmore; então farão as pazes por um tempo. Depois haverá uma grande batalha entre a Inglaterra e a Escócia em (d) Storktonmore;
então os corvos se sentarão na (e) Cruz e beberão tanto sangue dos Nobres quanto do povo comum. Então, ai de mim, pois Londres será destruída.

132 (a) Espero que Deus impeça esse mal ameaçado. (b) Brammish é um rio em Northumberland. (c) Acho que deveria ser Knaresborough, por onde corre o rio Nidd. (d) Acho que Storkton é um engano por Stanemore, em Richmondshire. (e) Deve-se notar e admirar que essa Cruz do Norte, nos dias de Mãe Shipton, era uma alta cruz de pedra que desde então vem afundando pouco a pouco no solo e que agora (1640) está tão baixa que um corvo pode pousar no alto dela e alcançar o chão com o bico.

133 Então virá uma mulher de um olho só, e ela caminhará com sangue dos homens até os joelhos; encontrará um homem apoiado numa bengala e lhe dirá: "Quem és tu?" Ele responderá: "Sou o Rei dos Escoceses." E ela dirá: "Venha comigo à minha casa, pois há três Cavaleiros lá." Ele irá com ela e ficará lá três dias e três noites. Então a Inglaterra estará perdida; e gritarão duas vezes no mesmo dia: "A Inglaterra está perdida." Depois haverá três Cavaleiros em Petergate, em York, e nenhum deles saberá dos outros. Nascerá uma criança em Pomfret com três polegares, e esses três Cavaleiros darão seus cavalos a essa criança (f) de três polegares para segurar, enquanto reconquistam a Inglaterra. Então virão os Clubes e os sapatos com pregos, e eles, junto com os três Cavaleiros, reconquistarão a Inglaterra; e todo o sangue nobre desaparecerá, exceto um, que levarão ao Castelo de Sheriff Hutton, a seis milhas de York, onde morrerá;
e escolherão seu Conde no campo, pendurarão os cavalos num espinheiro e lamentarão o dia em que nasceram para ver tanto sangue derramado.

134 (f) Há poucos anos nasceu em Pomfret uma criança com três polegares, segundo relatos confiáveis.

135 (g) Então virão a York para sitiá-la e os de dentro os manterão do lado de fora por três dias e três noites. Um pão que custa um penny será vendido dentro do Portão por meia coroa e, fora do Portão, por um penny. E jurarão que, se não se renderem, explodirão as muralhas da cidade.
Então os deixarão entrar; e enforcarão o Prefeito, os Xerifes
e os Vereadores. Três Cavaleiros entrarão na Igreja de Crouch, mas só um sairá; e ele mandará proclamar que qualquer homem poderá tomar uma Casa, Torre ou Morada por vinte e um anos. E, enquanto o mundo durar, nunca mais haverá guerra, nem mais (h) Reis ou Rainhas; o Reino será governado por três lordes; então York será Londres.

136 (g) Isso ainda não aconteceu. (h) Todas as profecias antigas apontam para a subversão final da Monarquia na Inglaterra.

137 Depois disso, haverá uma colheita branca de cereais, recolhida por mulheres.
Então acontecerá no Norte que uma mulher dirá a outra:
"Minha mãe, hoje vi um homem." E haverá mil mulheres para cada homem. Haverá um homem sentado na colina da Igreja de São Tiago, chorando até se fartar.

138 Chegará o tempo em que a Inglaterra tremerá de medo de um (i) Homem Morto, que será ouvido falar. Então o Dragão dará um grande golpe no Touro; e, quando essa batalha terminar, todos irão para a cidade de Londres.

139 (i) Esse Homem Morto ainda não apareceu, mas sem dúvida está prestes a chegar.

140 Seguem outras profecias que ela proferiu. Como dizem respeito a tempos futuros, deixaremos sua interpretação a cargo do leitor.

141 I.

Assim que passar o Ano Ardente,
A paz voltará como antes;
Haverá fartura por toda parte,
E homens ararão a terra com espadas.

142 II.

Chegará o tempo em que mares de sangue
Se misturarão a uma inundação maior.

143 III.

Ouvir-se-á grande ruído, grandes brados e gritos,
E os mares trovejarão mais alto que os céus;
Então três leões lutarão contra três e trarão
Alegria ao povo e honra ao seu Rei.

144 Mãe Shipton, autora destas profecias, continuou por anos a ser estimada como a Sibila ou Oráculo de seu tempo; e, embora em geral acreditassem que ela fosse uma bruxa, todas as pessoas que a viram ou ouviram falar dela tinham grande estima por ela, e sua memória é muito honrada por seus conterrâneos, especialmente em Yorkshire.

144.2 Muito antes de sua morte, ela predisse o dia e a hora em que partiria; e, quando se aproximou o momento que havia profetizado, no ano de 1561, despediu-se solenemente de seus amigos, todos muito apegados a ela, deitou-se em sua cama e morreu, aos 75 anos, uma idade avançada e respeitável.

144.3 Muitas outras “profecias” atribuídas a ela circulam em Yorkshire, mas, como o editor não conseguiu encontrá-las devidamente autenticadas nem em obras antigas, elas foram omitidas, pois ele não desejava acrescentar nada que pudesse prejudicar sua sólida reputação.

145 Uma pedra foi erguida em sua memória perto de Clifton, a cerca de uma milha da cidade de York, com a seguinte inscrição:

146 Aqui jaz quem nunca mentiu
Cujo dom muitas vezes foi posto à prova;
Suas profecias ainda sobreviverão,
E para sempre manterão vivo seu nome.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PROFECIAS DE MARTA, A CIGANA

✦

1 Londres talvez pareça um cenário inadequado para uma história tão romântica quanto a que aqui registrei; mas, por estranha e selvagem que seja a história que tenho a contar, ela é verdadeira. Portanto, o cenário da ação não será mudado; nem vou me afastar da verdade, exceto porque os nomes dos personagens do meu drama doméstico serão fictícios.

2 Dizer que sou supersticioso seria, na opinião de muitas pessoas sábias, declarar que sou um tolo; mas dizer que não acredito no que vem a seguir, como tenho certeza de que acreditava aquele que me contou, seria desacreditar o testemunho de um amigo tão honrado e corajoso quanto qualquer homem que já pisou nesta terra. Ele foi arrancado do mundo, do qual era um brilhante ornamento, e deixou não só sua doce e sofrida viúva, mas também seus filhos órfãos, a lamentarem com carinho sua perda.

3 Pelo que vejo, é correto e sensato negar com todo cuidado e em público que se acredita em aparições sobrenaturais; mas ainda vai demorar até que eu me torne tão sábio ou tão ousado a ponto de fazer uma declaração tão categórica.

3.2 Não sou fraco a ponto de imaginar que estou cercado por espíritos e fantasmas, ou esbarrando numa multidão de espectros enquanto caminho pelas ruas; tampouco dou crédito a todas as histórias sem fundamento de velhas senhoras ou crianças assustadas sobre esses assuntos.

3.3 Mas, quando respiro o ar e vejo a grama crescer sob meus pés, não posso deixar de sentir que AQUELE que me dá a capacidade de inalar o primeiro e de me manter de pé sobre a segunda também tem o poder de

usar, para fins especiais, os meios e agentes que, em sua sabedoria, julgar adequados; e que, na verdade, não são mais incompreensíveis para nós do que os efeitos mais simples que testemunhamos todos os dias, decorrentes de causas desconhecidas.

4 Os filósofos podem refletir longamente e, com a força de sua pequenez e a erudição de sua ignorância, desenvolver e revelar, argumentar e discutir; mas, quando o sábio que zomba da possibilidade de fantasmas me explicar a doutrina da atração e da gravidade, ou me disser por que o vento sopra, por que as marés sobem e descem, ou por que a luz brilha — efeitos que todos percebem —, então admitirei que sua incredulidade é justa; então me juntarei às fileiras dos incrédulos. Mas chega de minhas opiniões e reflexões: passemos à narrativa.

5 Nas proximidades da Bedford Square vivia um homem honrado e respeitável, a quem o leitor pode chamar de Harding. Casou-se cedo; sua mulher era uma pessoa exemplar, e o filho e a filha já tinham chegado àquela idade agradável em que os filhos retribuem, com sua companhia e seus talentos, os ternos cuidados que os pais lhes dedicam na primeira infância.

6 O sr. Harding ocupava um cargo respeitável e de responsabilidade no governo, em Somerset House. Sua renda bastava para suas necessidades e desejos; sua família era uma família amorosa; e talvez, considerando os desejos modestos do que se pode chamar com justiça de classe média, ninguém jamais tenha estado mais contente ou satisfeito com sua sorte do que ele.

7 Maria Harding, sua filha, era uma moça modesta, discreta e cativante, cheia de sensibilidade e delicadeza. Era tímida e reservada; mas a modéstia que baixava seus belos olhos negros não conseguia esconder a inteligência

que brilhava neles.

7.2 Sua saúde estava longe de ser boa; e a palidez de suas faces — tantas vezes, infelizmente, iluminada pelo rubor febril de nossa doença característica — dava grande interesse ao seu semblante. Sua mãe amorosa cuidava dela e a criava com todo o zelo e atenção que um ser tão delicado e tão pouco preparado para os perigos e as provações deste mundo exigia.

8 George, seu irmão, era um rapaz corajoso e inteligente, cheio de vigor e de uma independência destemida. Seu pai costumava refletir sobre o caráter dele e via em seu temperamento, sua inteligência, seus interesses e suas inclinações a promessa de sucesso futuro na vida ativa.

9 Com esses filhos, que possuíam as características mais invejáveis de seus respectivos sexos, o sr. e a sra. Harding, agradecidos à Providência, reconheciam sua felicidade e plena satisfação com a parte que lhes coubera neste mundo passageiro.

10 Maria tinha cerca de dezenove anos e, como era natural, havia atraído a atenção e, pouco a pouco, conquistado o afeto de um parente distante. Sua considerável fortuna, somada às suas boas qualidades pessoais e intelectuais, fazia dele um pretendente muito bem-vindo aos pais dela; e o coração de Maria reconhecia em silêncio que ele também teria sido bem-vindo para ela, mesmo que fosse pobre e sem um tostão.

11 O pai do futuro marido de Maria era um homem influente, com muitos contatos, graças aos quais George, irmão de sua futura nora, seria colocado naquele centro de formação diplomática em Downing Street. De lá, no de-

vido tempo, subiria todos os degraus da carreira — que, com seus talentos peculiares, seus amigos e especialmente sua mãe, estava convencido de que ocuparia com grande competência — até acabar se tornando embaixador.

12 Os pais do jovem Langdale e de Maria Harding, contudo, concordavam que não havia necessidade de apressar a união das famílias, já que as idades dos dois somadas não passavam de trinta e nove anos. Além disso, a sra.

12.2 Langdale, que tinha pouco mais de trinta e seis anos, também tinha motivos — que pretendia manter em segredo — para adiar o máximo possível uma cerimônia cujo resultado, muito provavelmente, lhe daria cedo demais na vida, para o gosto de uma senhora com seus hábitos e inclinações, o formidável título de vovó.

13 Como é curioso, quando observamos um pedacinho da sociedade — como um geólogo esfarela e remexe um pedaço de terra na mão para descobrir sua natureza e qualidade —, examinar os motivos e as manobras de todas as pessoas envolvidas, os vários esforços, o trabalho incansável que cada uma dessas mentes pequenas realiza para alcançar uma porção de objetivos miúdos, sem qualquer relação com o grande propósito em vista; mas que cada uma se esforça para atingir por motivos particulares e ocultos.

13.2 Só quem realmente conhecia a sra. Langdale entendia por que ela concordou tão prontamente com o desejo do marido de adiar o casamento por mais um ano. Um estranho teria visto apenas a esposa obediente concordando com o marido sensato; mas eu a conhecia e sabia que havia algo além do que os olhos ou os ouvidos percebiam naquela sintonia entre ela e o sr. Langdale, que em outras ocasiões não se mostrava tão claramente.

14 Como o barqueiro que rema numa direção enquanto olha para outra, a sra. Langdale apoiava os pedidos e reforçava as ordens do amado esposo quanto ao adiamento oportuno de que estou falando; e ficou acertado que apenas depois de Frederick Langdale atingir a maioridade, e nunca antes, ele conduziria ao altar a delicada e tímida Maria Harding.

15 O caso virou assunto de cochicho; todos os conhecidos exaltavam as perspectivas de George na vida e profetizavam a imensa felicidade de Maria. Algumas moças mais jovens, filhas e sobrinhas daqueles que discutiam essas coisas em reuniões depois do jantar, já olhavam para a srta. Harding com inveja e maldade, perguntando-se o que o sr. Frederick Langdale podia ver nela. Diziam que ela era sem graça, apática, tímida, acanhada e desajeitada; algumas amigas chegaram até a descobrir que ela era torta de verdade.

16 Ainda assim, Frederick e Maria continuavam apaixonados, e seus corações se tornaram um só; eram tão sinceros, tão afetuosos, os sentimentos que tinham um pelo outro. George, que era um tanto inconveniente para o casal de namorados, felizmente estava em Oxford, estudando até lhe doer a cabeça para se qualificar para um diploma e para as futuras funções no cargo de onde colheria os ramos de louros diplomáticos, e do qual sairiam posição, título, fitas e inúmeras medalhas.

17 As coisas iam tão bem, e o barco da vida avançava alegremente ao sabor da brisa, quando, certo dia, o sr. Harding saía de casa e seguia para seu escritório em Somerset Place, pela Charlotte Street, em Bloomsbury. Uma daquelas ciganas que pedem esmolas na capital, sobretudo naquela região específica, abordou-o: “Lembre-se da pobre Marta, a cigana”, disse a mulher. “Dê uma moedinha por caridade, senhor, por favor.”

18 O sr. Harding contribuía para a Sociedade de Combate à Mendicância, uma instituição que se propunha a combater a mendicância por meio de uma novidade: não dar nada aos pobres. Além disso, era magistrado; ademais, não tinha trocado; e ordenou à mulher, num tom um tanto severo, que fosse cuidar da própria vida.

19 Nada disso adiantou: ela continuou a segui-lo e repetiu o lamento comovente: "Lembre-se da pobre Marta, a cigana."

20 Por fim, irritado com a insistência da mulher — pois até os funcionários subalternos do governo detestam pedidos insistentes —, o sr. Harding, contrariando seu costume e os hábitos da sociedade moderna, virou-se depressa e lançou um palavrão contra a mendiga suplicante.

21 "Maldição!", disse Marta. "Foi para isso que vivi? Escute, homem — homem pobre, fraco e arrogante! Olhe para mim, senhor!"

22 Ele olhou para ela e viu um rosto em chamas de raiva. Um par de olhos mais negros que o azeviche e mais brilhantes que diamantes fulgurava para ele como estrelas; os cabelos negros, desgrenhados, caíam sobre as faces morenas; e uma fileira de dentes mais brancos que a neve recém-caída aparecia entre os lábios cor de coral, num sorriso terrível, um sorriso espectral de desprezo misturado à sua fúria.

22.2 Harding ficou pregado no lugar; afetado em parte pelo poderoso fascínio de seu rosto sobre-humano e em parte pelo receio de que houvesse uma confusão na rua, parou para ouvi-la.

23 "Olhe para mim, senhor", disse Marta. "Você e eu vamos nos encontrar de novo. Você vai me ver três vezes antes de morrer. Minhas visitas serão terríveis; mas a terceira será a última!"

24 Havia uma solenidade naquela declaração que o atingiu em cheio, ainda mais por vir de uma mendiga excluída. Algumas pessoas se aproximavam; e, sem saber por quê, querendo aplacar a ira da mulher, ele tirou mecanicamente algumas moedas de prata do bolso e as ofereceu a ela.

25 "Tome, minha boa senhora, tome", disse ele, estendendo a mão.

26 "Boa senhora!", retrucou a velha. "Agora me oferece dinheiro? Eu, que fui amaldiçoada! Já é tarde demais, senhor orgulhoso. O que tinha de ser feito está feito; que a maldição caia agora sobre você." Dito isso, ela enrolou o manto vermelho e esfarrapado nos ombros e saiu apressada do campo de visão dele, entrando nos recantos sombrios e lúgubres de St. Giles.

27 Quando ela desapareceu de sua vista, Harding sentiu algo extraordinário: ficou triste por ter falado tão duramente com a pobre mulher e, arrependido, guardou de volta no bolso as moedas. É claro que o medo de que as previsões dela se cumprissem não se misturou a nenhum de seus sentimentos naquela ocasião; e ele seguiu para seu escritório em Somerset Place, onde cumpriu todos os árduos deveres do cargo: ler os jornais da oposição, discutir os principais assuntos políticos do dia com o chefe de outro departamento e assinar seu nome três vezes antes das quatro horas.

28 Ainda assim, Marta, a cigana, embora ele a tivesse "mandado para bem longe" da memória, aparecia de vez em quando em seus pensamentos; sua figura ficara gravada para sempre em sua lembrança. E, embora, como eu disse antes, um homem tão firme e inteligente não pudesse se importar nem um pouco com as maldições de uma cigana ignorante e analfabeta, seus sentimentos — não sei de onde vinham — o levaram a chamar uma

carruagem de aluguel e ir para casa de carruagem, em vez de correr o risco de encontrar outra vez a sibila da capital, sob o peso de cuja denúncia ele de fato se sentia.

29 Há um momento em cada dia na vida dos casados em que, pelo que me deram a entender, acontece uma troca de fatos e sentimentos mais franca do que de costume; quando o mundo inteiro fica de fora e os dois seres, que na verdade "são apenas um", conversam com liberdade e franqueza sobre os acontecimentos do dia que passou. Nesse momento, os segredos, antes sagrados, das reuniões na sala de estar e as piadas que podem ser contadas dos convivas depois do jantar são trocados pelo casal apaixonado, que, pelos costumes bárbaros da incivilizada Grã-Bretanha, foi separado durante parte da noite anterior.

30 É então que o marido conta à esposa preocupada como fez avançar seus interesses com certo homem, como conseguiu o que queria em certo lugar e o que pensa dos talentos de um e do caráter de outro; enquanto a esposa, sempre disposta a conversar, dá sua opinião sobre os mesmos assuntos, com base no que ouviu das mulheres que formam o círculo feminino, e explica por que acha que ele deve ter sido enganado neste ponto ou levado ao erro naquele. E assim, ao relatar, argumentar, discutir e discorrer, os interesses comuns do casal feliz se fortalecem, suas melhores esperanças são alimentadas e talvez, por fim, se realizem.

31 Alguns amigos para o jantar e umas conversas animadas à noite impediram Harding de dizer uma palavra à sua amada Eliza sobre a cigana; e talvez, até a "hora das bruxas" que tentei descrever, ele não tivesse mencionado o caso, mesmo que estivessem sozinhos.

31.2 Certamente, contudo, não pensava menos naquela visão horrível; e, quando os convidados foram embora e o casal afetuoso se recolheu para dormir, contou o ocorrido exatamente como se dera e recebeu de sua bela esposa a resposta que uma mulher sensata, prudente, inteligente e discreta daria a tal relato.

31.3 Ela defendeu a decisão inicial dele de não se deixar enganar; espantou-se com a disposição posterior de dar algo a uma pessoa tão indigna, ainda mais quando ele tinha três ou quatro vales de sopa no bolso; estranhou um pouco que ele não tivesse entregado a intrusa atrevida aos cuidados do guarda; e, zombando da impressão que a aparência da velha parecia ter causado na mente do marido, contou um passeio que fizera com algumas amigas a Norwood, quando era menina, ocasião em que uma daquelas mesmas mulheres lhe leu a sorte, sem que uma só palavra se cumprisse.

31.4 Depois de uma longa discussão, em que criticou duramente a fraqueza e a impiedade de acreditar no que dizem criaturas tão ociosas, adormeceu profundamente.

32 Harding, contudo, não. Inquieto e preocupado, sentia que daria tudo para poder retirar a maldição que lançara tão precipitadamente contra a pobre mulher. Indefesa e aflita como ela estava, por que a paixão vencera seu bom senso? Por que acrescentara a dor da recusa à ferida da maldição?

32.2 De todo modo, não adiantava lamentar o que já tinha passado; cansado e abatido com aquelas reflexões, acabou seguindo sua cara-metade naquele sono profundo que a extensão e o tema de seu discurso lhe haviam garantido com tanto conforto.

33 Veio a manhã, e o sol brilhou com força — isto é, com a força com que costuma brilhar em Londres. Chegou a hora do expediente, e o sr. Harding seguiu para Somerset House, evitando a rua Charlotte, tamanho era seu medo de ver a mulher agourenta.

33.2 É impossível descrever o efeito que a possibilidade de encontrá-la causava nele: se ouvia atrás de si uma voz feminina na rua, tremia e temia olhar para trás, receoso de dar de cara com Martha. Ao dobrar uma esquina, avançava com cuidado e cautela, com medo de encontrá-la de surpresa.

33.3 Em suma, aonde quer que fosse, o que quer que fizesse, seus atos, seus movimentos e até suas palavras eram controlados e limitados pelo pavor de vê-la de novo.

34 A maldição que ela pronunciara ressoava sem parar em seus ouvidos; tanto se apossara dele que escrevera as palavras e lacrara o documento em que as registrara. “Você me verá três vezes antes de morrer. Minhas visitas serão terríveis, mas a terceira será a última.”

35 “Calais” não estava mais gravado no coração de nossa rainha do que aquelas linhas no coração do sr. Harding; mas ele se envergonhava da intensidade de seus sentimentos e colocou o papel em que as anotara bem no fundo da escrivaninha.

36 Enquanto isso, Frederick Langdale não poupava atenções a Maria; mas, como acontece com demasiada frequência, uma nuvem encobriu o sol radiante de seu amor. A saúde dela, sempre frágil, agora parecia ainda pior, e às vezes seus pais, aflitos, sentiam por ela uma preocupação que nunca haviam sentido antes; pois surgiram sintomas claros de tuberculose.

36.2 Embora os médicos falassem deles com leveza à mãe apaixonada e à paciente delicada, tratavam a jovem com tanto cuidado e cautela que alarmavam quem conseguia ver o avanço da doença fatal, despercebido pela própria Maria.

36.3 Ela fazia planos para festas, prazeres e diversões na primavera que se aproximava, embora os médicos achassem muito provável que ela nunca viesse a desfrutar deles.

37 Foi de fato uma circunstância triste que o "escrúpulo" do sr. Langdale ou o desejo excessivo da sra. Langdale de aparentar juventude tivesse levado ao adiamento do casamento de Maria.

37.2 A ansiedade, a surpresa, a esperança adiada que pesavam na mente da doce jovem e o medo incerto de que algo inesperado acontecesse, que os apaixonados sempre sentem, abateram seu ânimo e prejudicaram sua saúde.

37.3 Se o casamento tivesse sido celebrado, o alívio que ela sentiria de todas as suas apreensões, somado à viagem pela França e pela Itália que o casal feliz faria logo depois da união, teria restaurado sua saúde e garantido sua felicidade. Mas não era para ser.

38 Já haviam se passado três meses desde o encontro do pobre sr. Harding com Martha; o hábito, o tempo e as ocupações constantes haviam se unido para livrar sua mente do medo que ela lhe inspirara no início. Ele voltou a sorrir e brincar, voltou a gostar da companhia dos outros e tornou a ousar tomar o caminho mais curto para Somerset House.

38.2 Tinha até se recuperado tanto daquele terror inexplicável que sentira a princípio que foi à escrivaninha, escolheu o papel em que anotara a terrível ameaça da velha, rasgou-o deliberadamente em pedaços e viu-o ser

consumido pelo fogo com algo parecido com verdadeira satisfação, decidido a nunca mais pensar em assunto tão tolo.

39 Frederick Langdale estava, como de costume, com sua noiva, e a sra. Harding desfrutava do egoísmo dos apaixonados (pois, como eu disse antes, eles acham sua conversa a mais encantadora do mundo porque não falam de outra coisa além de si mesmos), quando sua carruagem de duas rodas foi trazida à porta para levá-lo a Tattersall's. O pai o encarregara de examinar um ou mais cavalos que pretendia comprar, pois Frederick era, entre todas as coisas do mundo, o melhor juiz de cavalos.

40 O sr. Harding, contudo, não estava disposto a aceitar essa afirmação tão categórica, feita pelo próprio rapaz; por isso, para aproveitar plenamente duas cabeças, que, como diz o provérbio, pensam melhor que uma, o digno futuro sogro propôs acompanhar o jovem até o pátio do leiloeiro em Hyde Park Corner, pois aquele era um dos poucos dias de folga dos funcionários de nossos repartições públicas.

40.2 O rapaz recebeu a proposta com alegria e, para mostrar o devido respeito ao sr. Harding, entregou-lhe as rédeas. Depois de se despedirem das damas à janela com uma reverência, partiram; os magníficos cavalos do sr. Langdale empinavam e corcoveavam, com fogo saindo dos olhos e fumaça das narinas.

41 O cocheiro logo percebeu, porém, que os cavalos eram fortes demais para ele, mesmo sem levar em conta sua habilidade, e, ao entrar na rua Russell, propôs entregar as rédeas a Frederick. Por causa de um mal-entendido durante o alarme que Harding sentia, Frederick não pegou as rédeas que ele, inteiramente desnorteado, lhe estendia em grande agitação.

41.2 Elas escorregaram sobre o ferro que saltava entre os cavalos, que, livres das rédeas, empinaram furiosamente no ar e, avançando aos pinotes, lançaram a carruagem contra um poste, jogando Frederick e Harding na sarjeta. O cavalo da direita escoiceou desesperadamente quando a carruagem se enroscou e ficou presa, atingindo Frederick com um golpe terrível na cabeça.

41.3 Harding, com o braço direito e a clavícula quebrados, ergueu-se apoiado na mão esquerda e viu Frederick caído em seu sangue, aparentemente sem vida diante dele.

41.4 Os animais enfurecidos avançaram de novo, arrastando os restos da carruagem; e, quando esse obstáculo saiu de sua vista, o desventurado futuro sogro viu, observando a cena com semblante firme e impassível — MARTHA, A CIGANA.

42 Era difícil saber se a aparição daquela visão horrível, acompanhada da confirmação de sua profecia, não causara no sr. Harding um efeito ainda mais terrível que a triste realidade diante dele. Ele tremeu, sentiu náuseas, desmaiou e caiu inconsciente no chão.

43 Logo conseguiram ajuda, e os feridos foram levados com cuidado para suas respectivas casas. Frederick Langdale sofria muito mais que seu companheiro e, além de fraturas graves em duas partes do corpo, tinha um ferimento na cabeça de aspecto terrível, que causou grande preocupação aos médicos que o atendiam.

44 O sr. Harding, cujo estilo de vida moderado favoreceu muito sua recuperação, sofrera relativamente pouco: uma fratura simples no braço e uma luxação da clavícula, que eram toda a extensão de seu infortúnio, logo co-

meçaram a melhorar com tratamento habilidoso e obediência rigorosa às ordens médicas. Mas havia uma ferida que nenhum médico podia curar.

44.2 A certeza de que a mulher cuja ira despertara tinha, se não o poder de causar o mal, ao menos o poder de prevê-lo, e de que ainda teria de vê-la mais duas vezes antes de a profecia se cumprir, marcou profundamente sua mente. Embora se sentisse mais aliviado depois de contar à sra.

44.3 Harding que vira a cigana no momento do acidente, não conseguiu se recuperar do choque sofrido pelos nervos. Foi inútil tentar afastar o medo constante de vê-la outra vez.

45 Frederick Langdale permaneceu por algum tempo em estado muito crítico. Ninguém podia entrar em seu quarto, e passaram-se dois meses penosos durante os quais sua afetuosa Maria não teve permissão para vê-lo, escrever-lhe ou receber notícias dele, enquanto sua saúde se debilitava aos poucos sob o efeito constante da preocupação e da tristeza.

46 Enquanto isso, o sr. Harding se recuperou depressa, mas seu ânimo não acompanhou a melhora da saúde. Era impossível descrever o medo que sentia de sair de casa e o tremor que o tomava quando alguém batia à porta ou se aproximava com passos, receoso de que o intruso fosse a basilisco Martha. A presença da pobre Maria não ajudava a dissipar a tristeza que o envolvia.

47 Quando, por fim, Frederick se recuperou o bastante para receber visitas, Maria não estava bem o suficiente para visitá-lo: definhava depressa, rumo a uma sepultura precoce, e até o próprio médico parecia querer preparar os pais para o pior. Ela, contudo, tomada pela tendência da doença a fazer planos para o futuro, continuava falando com esperança da felicidade que viria, quando Frederick estivesse recuperado o bastante para visitá-la.

48 Por fim, contudo, os médicos sugeriram uma mudança de ares — sugestão que foi atendida imediatamente, mas, infelizmente, tarde demais; a fraqueza da pobre moça era tanta que, ao avaliarem suas forças, concluíram ser imprudente tentar removê-la.

49 Nesse estado terrível, separada daquele que era tudo para ela, a paciente exemplar foi definhando, e a vida parecia tremular em suas faces coradas; seus olhos estavam fundos, e seus lábios ressecados tremiam de dor.

50 Por fim, ficou combinado que, no dia seguinte, Frederick Langdale poderia visitá-la; suas várias fraturas já haviam sido reduzidas, e o ferimento na cabeça apresentava sinais favoráveis. A carruagem foi chamada para levá-lo à casa dos Harding à uma hora, e os médicos recomendaram enfaticamente que Maria fosse informada e preparada para o encontro na véspera.

50.2 Só quem é pai ou mãe consegue compreender a terna preocupação e o cuidado cauteloso com que ambos procederam ao dar uma notícia tão importante para a recuperação dela, segundo os médicos — tão cuidadosos para que a alegria que se aproximava fosse transmitida aos poucos à filha que sofria e para evitar todos os males que poderiam resultar de um anúncio repentino.

51 Sentaram-se ao lado dela — falaram de Frederick — Maria entrou na conversa — ergueu-se na cama — pouco a pouco, nasceu a esperança de que logo pudesse vê-lo outra vez — essa esperança foi se tornando certeza — falaram do momento em que isso poderia acontecer — e esse momento foi sendo gradualmente antecipado: a moça ansiosa percebeu toda a verdade — entendeu — teve certeza de que o veria no dia seguinte — desatou a chorar e afundou no travesseiro.

52 Naquele instante, o sol brilhante, que resplandecia em todo o seu esplendor, iluminou o quarto e bateu com força em seu rosto corado.

53 — Abaixe a persiana, meu amor — disse a Sra. Harding ao marido. Harding se levantou e foi até a janela.

54 Um grito de horror escapou dele. — Ela está ali! — exclamou o homem, agitado.

55 — Quem? — perguntou a esposa, espantada.

56 — Ela... ela... aquela mulher horrível!

57 A Sra. Harding correu até a janela e viu, do outro lado da rua, de pé, com os olhos fixos atentamente na casa, MARTA, A CIGANA.

58 — Abaixe a persiana, meu amor, e venha embora; por favor, venha — disse a Sra. Harding.

59 Harding abaixou a persiana.

60 — Que mal está por vir? Que desgraça nos ameaça? — soluçou Harding.

61 Um grito alto da esposa, que havia voltado para junto da cama, foi a resposta horrível à sua pergunta angustiada.

62 Maria estava morta!

63 Nas duas vezes em que vira aquela terrível criatura em forma humana, cada aparição havia sido, como ela previra, ainda mais horrenda que a anterior. — O que poderia ser pior que isso?

64 Ali, diante dos pais aflitos, jazia sua filha inocente, estendida no sono imóvel da morte; nenhum dos dois acreditava que fosse verdade — parecia um sonho terrível. Harding estava atordoado e desviou os olhos do corpo da amada para a janela que acabara de deixar. Marta havia sumido — e ele a ouviu cantar uma melodia alegre e selvagem na outra extremidade da rua.

65 Chamaram os criados e os médicos, mas já era tarde demais! Os pais desolados estavam condenados a chorar por sua querida Maria, que haviam perdido. George, o irmão dedicado e carinhoso, que estava em Oxford, deixou para trás todas as honras acadêmicas que o aguardavam e correu para acompanhar a irmã amada até o túmulo.

66 O efeito sobre Frederick Langdale foi terrível: acreditava-se que ele jamais se recuperaria de um choque tão grande e tão inesperado naquele momento. Embora a saúde delicada dela fosse uma fonte constante de preocupação e ansiedade, os sintomas imediatos tinham melhorado um pouco nos últimos dias de sua vida e renovado as esperanças de que ela se recuperasse, alimentadas por aqueles que tanto a amavam.

66.2 De fato, não voltei a ouvir falar desse jovem aflito até cerca de três anos depois, quando vi nos jornais que ele acabara de se casar com a única filha de um rico baronete do oeste do país; se eu precisasse aqui de outro provérbio, esse acontecimento me daria uma oportunidade admirável de usá-lo.

67 A morte da pobre Maria e o medo que seu pai sentia de uma terceira aparição de Marta mudaram por completo os rumos da família. Graças à influência de pessoas poderosas, ele conseguiu para o filho uma nomeação como seu substituto no cargo que ocupava. Depois de alcançar esse obje-

tivo tão desejado, decidiu deixar a Inglaterra por algum tempo e sair daquela região, onde estaria sempre exposto ao perigo que agora tinha certeza de ser inseparável de seu próximo encontro com a mulher misteriosa.

68 George, assim impedido de continuar seus estudos clássicos, deixou Oxford e, aos dezenove anos, começou a trabalhar no serviço público — não exatamente no setor que sua mãe escolhera para sua estreia. Também era curioso que, após a morte de Maria, os Langdale não só evitassem conviver muito com os Harding durante sua permanência na Inglaterra, como também as grandes promessas do cidadão rico e orgulhoso de sua fortuna fossem aos poucos esquecidas, até que ele deixasse de se lembrar de qualquer promessa, mesmo condicional, de usar sua influência em favor do filho deles.

69 Ao perceber isso, o Sr. Harding sentiu que agiria com prudência se tentasse colocar o filho num cargo que, com o tempo, talvez lhe permitisse alcançar uma posição cuja renda honrosa lhe garantisse uma vida de cavalheiro e lhe permitisse "se estabelecer com conforto".

70 Feitos todos os preparativos que o pai bondoso havia planejado, o casal enlutado partiu para uma longa viagem pelo continente. Era evidente que ele melhorava rapidamente de ânimo ao perceber que diminuíra o risco de encontrar Marta.

70.2 Com o passar do tempo, a dor do luto foi sendo suavizada, e o casal tranquilo e caseiro se instalou em Lausanne, "esquecido pelo mundo e esquecendo o mundo", exceto por seu excelente e exemplar filho, cujas boas qualidades, ao que parece, haviam conquistado uma moça notavelmente bonita, sua vizinha, cuja mãe parecia igualmente encantada com a boa renda dele.

71 Por estranho que pareça, esse romance não teve dificuldade a superar nem obstáculo a vencer. George logo obteve o consentimento dos Harding, pedido numa carta que também os convidava a comparecer à cerimônia, caso estivessem de acordo com o casamento. Ao fim do segundo ano desde a partida, pais e filho estavam reunidos outra vez naquela casa, cuja visão lhes trazia à memória a filha infeliz e seu destino trágico, e que ainda despertava no Sr. Harding lembranças dolorosas da odiada cigana.

72 Sem dúvida, contudo, o encanto havia se quebrado. Naqueles dois anos, Marta provavelmente tinha morrido ou ido embora da região. Os ciganos eram um povo errante — por que ela seria exceção à regra? Assim, a Sra. Harding conteve os temores crescentes e a inquietação renovada do marido.

72.2 E conseguiu tão bem que, quando chegou o dia do casamento, os sinos tocaram e as fitas festivas tremularam no ar, seu rosto se iluminou com sorrisos, e ele beijou calorosamente a face radiante da nora, com algo parecido com felicidade.

73 O casamento aconteceu na época do ano em que amigos e famílias se reúnem com alegria e harmonia, quando todas as pequenas desavenças são esquecidas e, por um sentimento geral inspirado pela religião e perpetuado pela lembrança das bênçãos que o Todo-Poderoso concedeu ao mundo, proclama-se uma anistia universal; quando o fogo acolhedor e a mesa farta anunciam a chegada do Natal, e a alegria e as felicitações dão o tom do dia.

74 Infelizmente, ao contar o casamento da senhorita Wilkinson com George Harding, não posso acrescentar, como seria verdade, que os dois deixaram a cidade numa carruagem de viagem puxada por quatro cavalos para

passar a lua de mel. Os únicos dias de folga que ele pôde tirar do escritório foram três ou quatro, e foram dedicados às celebrações do casamento.

74.2 Ficou combinado que todo o grupo, junto com os parentes mais jovens dos Wilkinson — primos, primos de segundo grau e assim por diante — se reuniria na noite de Reis para festejar, numa festa dos jovens, a volta dos noivos para casa.

75 Quando a noite chegou, foi um prazer ver os rostos felizes das crianças sorridentes. Era bom vê-las contentes — e não pretendo negar que também me alegra isso, já que até a pessoa mais importante entre nós, o príncipe mais ilustre da Europa, demonstra todos os anos o prazer que sente ao presenciar cenas assim. As piadas eram divertidas, e a noite passou alegremente.

75.2 Cercado pelos jovens convidados, o Sr. Harding sorria e, por algum tempo, esqueceu suas preocupações; mas, ao olhar em volta, não conseguiu conter um suspiro ao lembrar que, naquele mesmo quarto, sua querida Maria havia recebido seus pequenos grupos de amigos em anos anteriores, no aniversário daquele mesmo dia.

76 O jantar foi anunciado cedo, e a animada multidão desceu correndo a escada até a sala de visitas, onde a mesa estava repleta de iguarias próprias de uma casa de classe média. No centro estava a grande atração da festa: um enorme bolo da Noite de Reis. Reis e rainhas dourados pairavam sobre círculos de doces vermelhos, e corações de açúcar repousavam enfeitados com troféus de guerra feitos do mesmo material.

77 Aquele enorme monte recebeu muitos golpes, e cada convidado aguardava com grande ansiedade a porção que lhe caberia, conforme o esplendor cintilante que adornava a superfície coberta de glacê. Distribuíram-se car-

tões com personagens, ilustrados com lemas espirituosos e frases engraçadas. E, por uma daquelas pequenas trapaças sempre toleradas em reuniões assim, anunciaram o Sr.

77.2 Harding como rei e a noiva como rainha. Havia tantas brincadeiras encantadoras e tanta alegria inocente que ele olhou para a esposa com uma expressão de contentamento que ela muitas vezes, mas em vão, tentara ver em seu rosto desde a morte da filha querida.

78 O jantar terminou, o relógio bateu meia-noite, e os mais velhos pareciam achar que estava na hora de os jovens irem embora. O "Rei" pediu mais meia hora de tolerância, e o pedido foi atendido. Naquela noite, a Sra.

78.2 George Harding cantaria para eles uma canção sobre "pobres solteironas" — uma antiga brincadeira, que ela "apresentava" todos os anos naquela data, por costume, desde pequena.

78.3 Assim, quando cobraram a promessa, fez-se silêncio, e ela, com toda aquela timidez de quem ergue o colo da roupa, tão graciosa numa moça bonita, rechonchuda e de faces macias, preparava-se para começar a velha cantiga quando um estrondo, parecido com o de uma bala de canhão de quarenta e oito libras caindo, ecoou pela casa.

78.4 Parecia vir do alto do edifício e descer depressa, com violência, por cada lance de escada. Passou pelo cômodo onde estavam sentados e continuou seu curso impetuoso até o porão. Quando pareceu sair do saguão, a porta da sala foi empurrada para dentro, como por uma forte rajada de vento, e ficou entreaberta.

79 Num instante, todas as crianças estavam de pé, agrupadas bem junto de suas respectivas mães. A Sra. Harding se levantou e tocou a campainha para perguntar o que significava aquele alvoroço. A nora, pálida como cin-

zas, olhou para George; mas um dos presentes não se mexeu nem um pouco: o velho Harding, cujos olhos primeiro se fixaram na porta entreaberta e depois percorreram devagar a parede do aposento até a lareira. Ali ficaram.

80 Quando os criados chegaram, disseram que tinham ouvido o barulho, mas acharam que vinha de cima. Harding olhou para a esposa e, então, voltando-se para o criado, comentou com descuido que devia ser algum ruído na rua. Pediu que ele se retirasse e rogou à noiva que continuasse a canção.

80.2 Ela continuou, mas as crianças tinham ficado assustadas demais para apreciá-la, e o barulho tinha algo tão estranho e sobrenatural que até os adultos do grupo, embora não quisessem demonstrar qualquer receio diante dos filhos, ficaram muito aliviados quando chegaram em casa.

81 Quando os convidados foram embora e a esposa de George acendeu a vela para se recolher, o sogro a beijou com carinho e pediu a Deus que a abençoasse. Depois, despediu-se afetuosamente do filho e, rogando com fervor pela felicidade dele, apertou-o contra o peito e disse adeus com uma intensidade que, numa simples separação temporária, era inexplicável para o rapaz.

82 Quando Harding chegou ao quarto, falou com a esposa e pediu que preparasse o espírito para alguma grande desgraça.

83 "O que vai acontecer", disse Harding, "e onde o golpe vai cair, não sei; mas esta noite ele está sobre nós!"

84 "Meu amor!", exclamou a senhora Harding. "Que ideia nova é essa?"

85 "Eliza, querida!", respondeu o marido, num tom de angústia indescritível. "Eu a vi pela terceira e última vez."

86 “Quem?”

87 “MARTA, A CIGANA.”

88 “Impossível”, disse a senhora Harding. “Você não saiu de casa hoje.”

89 “É verdade, meu amor”, respondeu o marido, “mas eu a vi. Quando aquele barulho terrível foi ouvido durante a ceia, a porta se abriu de modo sobrenatural e eu a vi. Ela fixou em mim aqueles olhos assustadores; foi até a lareira e ficou no meio das crianças, onde permaneceu até o criado entrar.”

90 “Meu querido marido”, disse a senhora Harding, “isso é apenas um distúrbio da imaginação!”

91 “Seja o que for”, disse ele, “eu a vi. Humana ou sobre-humana, natural ou sobrenatural, ela estava lá. Não vou tentar discutir um assunto em que provavelmente ninguém acreditaria em mim. Só peço que ore com fervor, tenha fé, e esperemos que a desgraça, seja ela qual for, possa ser evitada.”

92 Ele beijou ternamente o rosto da esposa e, depois de uma ou duas horas de febre inquieta, caiu no sono.

93 Nunca mais despertou daquele sono. De manhã, foi encontrado morto na cama.

94 “Não sei se a força da imaginação, somada ao barulho inesperado, provocou um susto tão grande que lhe tirou a vida”, disse meu informante, “mas ele estava morto.”

95 Meu amigo Ellis me contou essa história enquanto caminhávamos da City até a Harley Street, tarde da noite. Quando chegamos a essa parte do relato, estávamos na Bedford Square, naquele canto escuro e lúgubre onde

a Caroline Street desemboca.

96 "E ali", disse Ellis, apontando para baixo, "fica a rua onde aconteceu aquilo."

97 "Ora, ora", eu disse, "você conta bem a história, mas suponho que não espere que ela seja recebida como verdade sagrada."

98 "Pode acreditar", disse ele, "sei tanto dessa história que participei da festa da Noite de Reis e ouvi o barulho."

99 "Mas você não viu o espectro?", exclamei.

100 "Não", respondeu Ellis, "certamente não vi."

101 "E mais ninguém", eu disse, "posso jurar." Naquele instante, ouvimos passos apressados atrás de nós. Virei-me um pouco para deixar a pessoa passar e vi uma mulher envolta num manto vermelho. Seus olhos negros e brilhantes, iluminados pela luz fraca de um lampião acima de sua cabeça, me ofuscaram. Levei um susto. "Não se esqueça da velha MARTA, A CIGANA", disse a bruxa.

102 Foi como um raio. Enfiei a mão no bolso e, depressa, dei-lhe três xelins de uma moeda de cinco.

103 "Obrigada, meu bonitão", disse a mulher. Então, soltando uma gargalhada de desprezo, disparou pela Caroline Street em direção à Russell Street, cantando, ou melhor, berrando, uma melodia selvagem.

104 Ellis não disse nada durante aquela cena. Apertou meu braço com força e aceleramos o passo. Não falamos um com o outro até entrarmos na Bedford Street e as luzes e os transeuntes da Tottenham Court Road nos tranquilizarem.

105 “O que acha disso?”, Ellis me perguntou.

106 “Ver para crer”, respondi.

107 Desde então, nunca mais passei à noite por aquele canto escuro da Bedford Square.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CUMPRIMENTO NOTÁVEL DE UMA PREVISÃO

✦

1 Certo autor alemão conta o seguinte:

2 Quando eu era mais jovem, houve um jantar em Florenburg, na Vestfália, onde nasci, por ocasião de um batizado para o qual foi convidado um clérigo. Durante o jantar, a conversa se voltou para o coveiro do lugar, conhecido por sua segunda visão; pois, sempre que via um cadáver, dizia que haveria um funeral em tal ou qual casa. Como isso sempre acontecia, os moradores da casa que ele indicava ficavam extremamente ansiosos por causa do que o homem dizia.

3 O clérigo abominava as profecias daquele homem. Por isso, proibiu-o de fazê-las, mas sem resultado; pois o pobre tolo, embora fosse bêbado e tivesse sentimentos baixos e vulgares, acreditava firmemente que aquilo era um dom profético de Deus e que precisava torná-lo conhecido, para que as pessoas ainda pudessem se arrepender.

3.2 Por fim, o clérigo avisou que, se ele anunciasse mais um funeral, perderia o emprego e seria expulso da aldeia. Isso surtiu efeito: dali em diante, o coveiro ficou em silêncio.

3.3 Meio ano depois, no outono de 1745, o coveiro foi até o clérigo e lhe disse: ‘Senhor, o senhor me proibiu de anunciar outros funerais, e não fiz isso desde então, nem farei de novo; mas preciso lhe contar algo particular-

mente notável, para que veja que minha segunda visão é realmente verdadeira. Dentro de algumas semanas, um cadáver será trazido pelo prado, puxado por um boi numa carreta.'

3.4 O clérigo pareceu não dar atenção ao que ele disse; ouviu com indiferença e respondeu: 'Cuide da sua vida e deixe essas tolices supersticiosas. É pecado se envolver com essas coisas.'

4 Algumas semanas depois, um grande contingente de tropas austríacas passou pela aldeia, a caminho dos Países Baixos. Enquanto descansavam ali por um dia, a neve caiu e atingiu quase um metro de profundidade. Ao mesmo tempo, uma mulher morreu em outra aldeia da mesma paróquia. Os militares levaram todos os cavalos da região para puxar as carroças.

4.2 Enquanto isso, o cadáver ficou ali, sem que nenhum cavalo voltasse; o corpo começou a apodrecer. Por isso, foram obrigados a fazer do jeito que dava: colocaram o cadáver numa carreta e atrelaram um boi a ela.

5 Enquanto isso, o clérigo, o professor e seus alunos foram à aldeia para receber o cadáver. Quando o cortejo fúnebre passou pelo prado daquele jeito, o coveiro se aproximou do clérigo, puxou-lhe a batina, apontou com o dedo para a carreta e não disse uma palavra.

6 Essa foi a história contada pelo clérigo. Eu conhecia bem aquele bom homem, e ele era incapaz de mentir, ainda mais sobre algo que contrariava todos os seus princípios.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRESSENTIMENTO PROVIDENCIAL

✦

1 No ‘Museu das Maravilhas’, vol. II, página 153, é contado um pressentimento marcante que Madame de Beaumont ouviu dos lábios de uma pessoa confiável. Essa pessoa tinha um amigo no interior que, por ser solteiro, confiava os afazeres da casa aos cuidados de uma governanta que estava com ele havia muitos anos.

1.2 Quando chegou seu aniversário, ele fez muitos preparativos para comemorá-lo e, pela manhã, pediu à governanta que limpasse um certo caramanchão no jardim, que indicou, pois, como o tempo estava bom, pretendia passar o dia ali com seus convidados.

1.3 Ela pareceu muito surpresa e lhe pediu, insistindo, que recebesse os convidados num cômodo, pois na noite anterior sonhara e tivera o pressentimento de que naquele dia um raio atingiria o caramanchão. Ele riu do que ela dizia, pois não havia sinal de tempestade naquele dia, e disse que não desse importância ao sonho tolo e preparasse o caramanchão para receber os convidados.

1.4 Ela obedeceu, os convidados chegaram e, como o dia estava bonito, se divertiram. Enquanto isso, contudo, nuvens se juntaram no horizonte distante e, por fim, foram empurradas com força pelo vento até aquele lugar. A companhia estava tão entretida que nem percebeu.

1.5 Mas, assim que a governanta percebeu que a tempestade se aproximava, pediu ao patrão que saísse do caramanchão com os convidados, pois não conseguia afastar de si a ideia de que um raio o atingiria. A princípio,

eles não quiseram ouvi-la, mas, quando ela continuou a insistir e o trovão começou a se aproximar com grande violência, deixaram-se convencer a sair do caramanchão.

1.6 Mal chegaram ao cômodo, ouviram um forte estrondo de trovão e, logo em seguida, um raio atingiu o caramanchão e despedaçou tudo o que havia ficado lá dentro.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRESSENTIMENTO MARAVILHOSO

✦

1 Madame Beaumont conta o seguinte:

2 Minha família inteira ainda se lembra de um acidente do qual meu pai foi salvo por um pressentimento de perigo. Certa vez, ele combinou com um grupo de pessoas de velejar até Port St. Osmer.

2.2 Quando chegou a hora de embarcar, uma tia de meu pai, que era surda e muda, soltou uma espécie de grito, colocou-se à porta, bloqueou a passagem com os braços, bateu as mãos uma contra a outra e, por gestos, fez com que ele entendesse que implorava para que ficasse em casa.

2.3 Meu pai, que esperava ter muito prazer com esse passeio, apenas riu dos pedidos dela; mas a senhora se jogou aos pés dele e demonstrou sinais de uma aflição tão intensa que, por fim, ele decidiu ceder aos pedidos dela e adiou o passeio a Port St. Osmer para outro dia.

3 Ele tentou então convencer os outros a ficar também, mas eles riram dele por se deixar convencer tão facilmente e partiram de barco. A embarcação não havia percorrido nem metade do caminho quando os que estavam a bordo tiveram todos os motivos para se arrepender de não terem seguido o conselho dele. A embarcação sofreu acidentes graves e se despedaçou; várias pessoas perderam a vida, e as que se salvaram nadando ficaram tão apavoradas por terem escapado por pouco que mal conseguiram se recuperar.

4 Por alguns relatos escritos que a mulher surda e muda fez mais tarde, soube-se que, na noite anterior, ela tivera um sonho terrível e muito realista, no qual parecia que o barco de passeio que partiria no dia seguinte

para Port St. Osmer naufragaria e que a maioria das pessoas a bordo se afogaria ou escaparia por pouco.

4.2 O anjo mensageiro viu que não poderia influenciar ninguém de modo mais eficaz do que a tia surda e muda; por isso, escolheu-a para cumprir sua missão. Durante toda a vida, meu pai foi profundamente grato a ela e ao anjo da guarda por esse aviso e pressentimento providenciais.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0